

RENATO SOARES DA SILVA

**Estudo exploratório sobre as transformações nas relações de
trabalho e impacto nas relações familiares**

*Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo,
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Mestre em Psicologia*

Área de concentração: Psicologia Social

Orientadora: Yvette Piha Lehman

São Paulo

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Silva, Renato Soares da.

Estudo exploratório sobre as transformações nas relações de trabalho e impacto nas relações familiares / Renato Soares da Silva; orientadora Yvette Piha Lehman. -- São Paulo, 2010.

106 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Trabalho 2. Trabalho informal 3. Família 4. Relações familiares 5. Identidade I. Título.

HD4831

**Estudo exploratório sobre as transformações nas relações de
trabalho e impacto nas relações familiares**

RENATO SOARES DA SILVA

BANCA EXAMINADORA

(nome e assinatura)

(nome e assinatura)

(nome e assinatura)

Dissertação defendida e aprovada em ___/___/___

*Não é bastante ter ouvidos para se ouvir o que é dito. É
preciso também que haja silêncio dentro da alma.*

Alberto Caeiro

À minha família que sempre apóia minhas decisões e que se coloca presente nos momentos difíceis.

Agradeço

Aos casais que se dispuseram a compartilhar suas vidas para que esse trabalho acontecesse.

À Professora Yvette Piha Lehman por ter me apoiado nessa empreitada e confiado na proposta desse trabalho

À Maria da Conceição Coropos Uvaldo, por sua amizade, cuidado e ajuda em todos os momentos mais difíceis.

Aos professores Seiji Uchida e Belinda Piltcher Haber Mandelbaum, por suas valiosas críticas no Exame de Qualificação.

À Fernando Carvalho Faião e Bruno Profeta Guimarães Figueira, verdadeiros irmãos, sempre disponíveis para o que for necessário.

À Geli Cristina Barizon, por seu carinho e amizade que superam as dificuldades do tempo e da distância.

À Yara Bastos Correa, ao Dr. Valdenir Tofoli e à Luciana Marques Pimenta, pela ativa participação na formação do profissional que sou.

Aos amigos do SOP, que acompanharam toda a construção desse trabalho e que contribuíram para sua realização

À Fátima e Sonia, por seu cuidado e carinho para com todos os alunos que passam pelo SOP.

À Marcos Gatti, por sua amizade e exemplo de retidão e dedicação ao outro.

À Carlos Hideaki Fujinaga, por sua amizade sincera.

Aos profissionais que trabalhavam na Pro-Mulher, Família e Cidadania e no Projeto Íntegra, que me permitiram iniciar a carreira como psicólogo com as experiências mais ricas da minha vida.

À Maria José da Silva, que, assim como meus tios e primos, sempre torceu por meu sucesso.

À Assunção André da Silva, por ser minha mãe e ter empenhado todos os esforços para me apoiar.

À Agenor Soares da Silva, com quem aprendi a ver a vida com calma e ponderação.

Aos meus irmãos Cláudia, Adriano e Danielle, por todos os momentos felizes que me proporcionaram.

Aos amigos, professores e todas as pessoas que atendi, por compartilharem um pouco de sua sabedoria comigo.

SUMÁRIO

RESUMO	v
ABSTRACT	vi
I. Introdução	1
II. Contexto e teoria	8
1. O Trabalho	
1.1 Considerações gerais sobre o trabalho.....	9
1.2 Transformações no mundo do trabalho.....	13
1.3 Centralidade do trabalho e precarização das relações.....	22
2. A Família	
2.1 Considerações gerais sobre a família.....	28
2.2 Transformações na família.....	31
2.3 Diferenças entre famílias.....	34
3. Identidade e Transformação Social	39
III. Pesquisa.....	45
Método.....	46
IV. Os casais.....	52
1. Pedro e Paula.....	
1.1 Pedro.....	53
1.2 Paula.....	66
1.3 Análise.....	72
2. Carlos e Patrícia	
2.1 Carlos.....	76
2.2 Patrícia.....	82
2.3 Análise.....	89
3. Discussão sobre as entrevistas.....	93
V. Considerações finais.....	97
1. Outras possibilidades de estudo.....	98
297	
Referências Bibliográficas.....	100
APENDICE A.....	106
APENDICE B.....	107

RESUMO

SILVA, R. S. **Estudo exploratório sobre as transformações nas relações de trabalho e impacto nas relações familiares.** 2010. 106 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

As transformações ocorridas nas relações de trabalho nos últimos 40 anos, em que se consolidou um regime de acumulação flexível do capital, tem exercido influência direta para a construção de um modelo social caracterizado pelo rompimento da historicidade e de tradições para passar à valorizar o curto prazo, a flexibilidade e a agilidade se adaptar a constantes exigências por mudanças. Em consequência, o indivíduo fica limitado na sua capacidade de construir uma narrativa que lhe permita dar sentido à sua trajetória de vida profissional, levando-o a procurar diferentes caminhos que lhe permitam reconstruir sua identidade. A família, nesse contexto, também passa por intensas transformações com relação aos papéis ocupados pelo homem e pela mulher, promovendo rompimentos com os padrões tradicionais da família burguesa. A inserção da mulher no mercado de trabalho, potencializada por sua luta por seus direitos e pelo fortalecimento do regime flexível de trabalho, aliada à instabilidade nas relações de trabalho faz com que a família tenha que procurar formas alternativas de organização de sua dinâmica para que possa manter seu projeto familiar e profissional. Dentro dessa perspectiva, o espaço social passa a exercer grande importância na suporte às estratégias desenvolvidas pelas pessoas para organizar novas formas de trabalho e de dinâmica familiar, exercendo papel de validação desses projetos. Contudo, vivemos um momento de precarização das relações interpessoais, alimentado por um processo de individualização em que se perde uma consciência de classe e no qual recai sobre o indivíduo a pressão pelo sucesso ou pelo fracasso. O objetivo desse trabalho, portanto, é procurar identificar o impacto das mudanças nas relações de trabalho sobre a família, a partir das mudanças vividas pelo homem em sua atividade profissional e verificar as estratégias construídas para a manutenção de seu projeto profissional e familiar. Para isso, foram entrevistados dois casais, em entrevistas semi-dirigida, os quais tinham acima de quarenta anos de idade e que viveram uma situação em que o homem saiu de um regime formal de trabalho para um regime informal. Também foi considerado seu posicionamento sócio econômico, como forma de identificar como essa questão influencia nas estratégias adotadas. A partir das entrevistas pudemos observar que o espaço social exerce papel fundamental no suporte às transições ocorridas ao longo da vida profissional, como espaço de legitimação das escolhas feitas e de acolhimento do sofrimento. No caso dessa pesquisa, observou-se que a igreja ocupa esse lugar, também por ser uma referência de estabilidade, no quais as regras que organizam a importância da família. Observa-se também como o individualismo e a valorização do desempenho promovem sofrimento no homem, que se vê como único responsável por aquilo que avalia como fracasso.

Palavras chave: trabalho, trabalho informal, família, relações familiares, identidade

ABSTRACT

SILVA, R. S. **An exploratory study regarding the changes in labor relations and impact on family relationships.** 2010. 106 f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

The changes in work relations over past 40 years, which has consolidated a system of flexible accumulation of capital, has had a direct influence to build a social model characterized by disruption of the historical traditions and valuing short term perspective, flexibility on job relations and agility to adapt to constant demands for change. As a result, the individual is restricted in his ability to construct a narrative that would give meaning to their life, leading him to seek different ways that may help him to rebuild his identity. The family, in this context, is also undergoing profound changes in the roles occupied by men and women, promoting disruptions to the traditional standards family. The inclusion of women in the labor market, bolstered by their struggle for their rights and by strengthening the system of flexible work, coupled with instability in labor relations makes the family looking for alternative ways to organize family relationship dynamics and keeping their new work an family projects. Within this perspective, social space has a significant function in supporting and validating the strategies developed by people to organize new forms of work and family dynamics. However, this is a time of growing instability of interpersonal relationships, fueled by a process of individuation in which one loses consciousness of class in which the individual is on the pressure for success or failure. The aim of this study is to understand the impact of changes in labor relations on family, from the changes experienced by man in his work and identifying the strategies built by family to sustain their work and family project. For this, two couples were interviewed in semi-directed interview model, which were over forty years old and who experienced a situation which the man got out of a formal system of work and got in an informal work system. It was also considered his socioeconomic position, in order to identify how this issue influenced the strategies adopted by them. From our study we observed that the social space has a fundamental function in supporting transitions that took place throughout life, as a space people can find support for his strategies and ask for help to handle their suffering. For this research, we observed that church has made this support, where people feels comfortable to build social relations and a group reference as well as a structured rules regarding family roles and rules that helps them to justify their choices. It is also observed that individualism and performance enhancement are important culture characteristics can make people evaluate themselves as solely responsible their failure.

I. Introdução

A inspiração por essa pesquisa se deu por conta da prática profissional do autor, das experiências vividas em dois contextos de atendimento. Uma delas, o trabalho em Mediação de Conflitos na área de família e outro, o trabalho em Orientação Profissional, mais especificamente orientação de carreira para adultos. Nas duas situações, era possível observar uma dificuldade comum trazida por aqueles que pediam ajuda: como lidar com a mudança que tiveram no trabalho e conciliar com as necessidades de suas famílias.

O serviço de Mediação de Conflitos citado estava alocado na Procuradoria de Assistência Judiciária (atual Defensoria Pública do Estado de São Paulo). Um local que tem por função prestar serviços de Assistência Jurídica a pessoas que se enquadram na condição de “pobres na acepção jurídica do termo”¹. Nesses casos, a mediação servia como forma de reorganizar as relações entre as partes de modo a permitir a construção de um acordo sobre o problema ali exposto (no caso, necessariamente dentro do espectro do Direito de Família), sem a necessidade de um processo litigioso.

Ao observar os casos atendidos em mediação, por exemplo, aqueles que versavam sobre fixação de alimentos, a dificuldade em se fixar um valor constante para pagamento de pensão alimentícia, pois muitos daqueles que ali sentavam para a construção de um acordo trabalhavam com contratos flexíveis, ou seja, ganhavam conforme sua produção, com um mínimo fixo que não lhes permitia nem mesmo pagar suas próprias contas (em geral, um salário mínimo ou menos). Atendendo a um padrão socialmente muito difundido de que a guarda da criança fica com a mãe (apesar do Código Civil de 2003² já mudar essa prerrogativa), muitos acordos fixavam que a guarda seria da mãe e o dever de pagar pensão, do pai.

Desse modo, ao se fixar o valor de pensão, ou se revisar um valor anteriormente fixado, observava-se cada vez mais um pedido feito pelo genitor de que o pagamento fosse variável, conforme seus rendimentos. O homem relatava como se sentia mal ao propor isso, visto que não mais possuía aquele salário fixo que outrora tivera e, por outro lado, a mulher via isso como um abandono dele com relação à criação do filho, visto que este tem gastos constantes.

¹ Parágrafo único. - Considera-se necessitado, para os fins legais, todo aquele cuja situação econômica não lhe permita pagar as custas do processo e os honorários de advogado, sem prejuízo do sustento próprio ou da família. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L1060.htm

² “Art. 1.584. Decretada a separação judicial ou o divórcio, sem que haja entre as partes acordo quanto à guarda dos filhos, será ela atribuída a quem revelar melhores condições para exercê-la”. (www.codigocivil.adv.br).

E experiência em orientação de carreira, realizados no Serviço de Orientação Profissional da Universidade de São Paulo, tem como objetivo atender a pessoas com questões profissionais, ajudando-as a entender seu processo de tomada de decisão sobre sua vida profissional e que esta estivesse mais alinhada com seus planos futuros. Não há, nesse caso, nenhuma seleção por critério sócio-econômico.

Uma das grandes dificuldades apresentadas relacionava-se com lidar com a insegurança que sentiam no trabalho e buscar opções que garantissem a segurança necessária para manter a família criar os filhos ou, entre os mais novos, constituir uma família. Assim, as demandas apresentadas por essas pessoas estavam ligadas a buscar alternativas de carreira que dessem garantias de um futuro mais tranquilo, evitando passar por situações de desemprego ou outras adversidades que impactassem no seu papel de provedor da família ou colocassem em risco seu projeto familiar.

Sarti (2009) nos ajuda a entender um pouco do contexto da mediação referido anteriormente. Ao discutir a moral no mundo do trabalho em famílias pobres já aponta a importância do trabalho para constituição da identidade masculina, associada ao fato de ter uma família como forma de afirmar sua virilidade, nos ajuda a entender o incômodo que esses homens apresentavam nos atendimentos. O que estava sendo discutido ali era sua capacidade de prover os cuidados ao filho, de cumprir seu papel de provedor. Papel esse que não recai com igual intensidade sobre a mulher, apesar das mulheres desse grupo populacional se dedicarem a uma dupla jornada antes mesmo que as mulheres de classe média e alta (SARTI, 2009 p. 100), pois “no caso da mulher, a idéia de trabalhar para os outros (para a família) contribui para a valorização do trabalho doméstico e lhe dá o sentido necessário para sua identificação com essa atividade, como contrapartida à atividade masculina de provedor” (SARTI, 2009 p. 96, grifo do autor).

Para compreender aquilo a que foi destacado com relação aos atendimentos em orientação de carreira, Sennett (2008) ajuda a perceber de que forma as mudanças ocorridas no mundo do trabalho afetam o indivíduo, chegando a falar especificamente do conflito entre família e trabalho. Segundo o autor, há conflito entre essas duas esferas da vida das pessoas, pois a família exige a manutenção de relações que visem o longo prazo, situação essa não condizente com a forma como as relações de trabalho estão organizadas, objetivando a flexibilidade e o curto prazo. Assim, transpor para a família os conceitos de curto prazo e flexibilidade significa estabelecer relações em que não há o comprometimento com o outro e onde fazer sacrifícios não encontra sentido.

Nos dois casos, as pessoas apresentam conflitos com relação àquilo que aprenderam como valores referentes a trabalho, família, papel do homem e da mulher nessa família e no grupo social e que se mostram difíceis de serem replicados em nosso atual contexto social.

Ao trazer a discussão da família, Sarti (2005) nos fala de uma situação atual em que estamos vivendo um rompimento com a tradição. Segundo a autora,

Vivemos numa sociedade onde a tradição vem sendo abandonada como em nenhuma outra época da História. Assim, o amor, o casamento, a família, a sexualidade e o trabalho, antes vividos a partir de papéis preestabelecidos, passam a ser concebidos como parte de um projeto em que a individualidade conta decisivamente e adquire cada vez mais importância social (SARTI, 2005 p. 43).

A autora ainda argumenta que,

Os papéis sexuais e as obrigações entre pais e filhos não estão mais claramente preestabelecidos. Os sujeitos não estão mais subsumidos no todo. Com isso, a divisão sexual das funções, o exercício da autoridade e todas as questões dos direitos e deveres na família, antes predeterminadas, hoje são objeto de constantes negociações, sendo passíveis de serem revistas à luz destas negociações. [...] vivemos num tempo que nunca foi tão repleto de alternativas e, ao mesmo tempo tão normativo; simultaneamente emancipador e constrangedor (SARTI, 2005 p. 44).

Sennett (2008) ressalta que estamos em um processo no qual saímos de um padrão de relação de trabalho em que a previsibilidade de tempo, as rotinas marcadas e espaços definidos, para uma situação de tempo flexível em que se mostra difícil a construção de uma narrativa sobre si, levando a pessoa a ter que lidar com a fragmentação e a descontinuidade. Ao falar da condição do tempo flexível, o autor diz que,

Capacidade de desprender-se do próprio passado, confiança para aceitar a fragmentação: esses são dois traços de caráter que aparecem em Davos entre pessoas realmente à vontade no novo capitalismo. São traços que encorajam a espontaneidade, mas ali na montanha essa espontaneidade é, na melhor das hipóteses, neutra. Esses mesmos traços de caráter que geram

a espontaneidade se tornam mais autodestrutivos para os que trabalham mais embaixo, no regime flexível (SENNETT, 2008, p.73)

O presente estudo busca compreender como essas mudanças nas relações de trabalho tem impactado as relações familiares. Temos aqui o objetivo de identificar que estratégias são utilizadas pelas famílias para lidar com as modificações nas relações de trabalho e de que forma essas mudanças nas relações de trabalho podem impactar na qualidade das relações interpessoais na família.

Procuraremos ver como as mudanças sofridas pelo homem ao longo de sua vida profissional são incorporadas pela família, que tipo de arranjos são feitos para lidar com os problemas que são enfrentados, e como se diferenciam as percepções do homem e da mulher sobre essas mudanças.

Sennett (2008, p. 73), faz a afirmação de que essas mudanças nas relações de trabalho exercem impacto diferente entre pessoas que “trabalham mais embaixo, no regime flexível”, gerando traços de caráter mais autodestrutivos. A partir disto, iremos observar as diferenças e semelhanças presente no relato de duas famílias de condições sócio-econômicas diferentes, no sentido de buscar entender de que forma essas mudanças são vividas.

Vamos tratar, portanto, de como as pessoas estão tratando uma mudança de paradigma³, pois estamos nos dirigindo, a partir de referenciais de estabilidade, para um referencial em que as mudanças são uma constante, e que, por não ser possível a construção de uma narrativa, podemos ter dificuldades em construir uma narrativa que nos permita apropriar-se de nosso passado e ter condições de prever um futuro (GIDDENS, 1991 p. 12)

Freitas, Heloani e Barreto (2008), em um livro que visa discutir o problema do assédio moral, deixam claro em que termos podemos falar de mudança. Segundo os autores,

A organização do trabalho fundada em relações de longo prazo e superespecializadas, desenvolvidas em unidades isoladas que assentavam as bases do pós-fordismo, já não serviria mais a esses objetivos, pois seria preciso adequar à estrutura organizacional, transformar as relações produtivas e tecnológicas e modernizar os processos administrativos, produtivos e financeiros de forma a torná-las compatível com o novo paradigma informacional e global. A interdependência global forçou uma

³ Aqui falaremos do conceito de paradigma dentro de uma acepção dada por Guba (1990), na qual falamos de um conjunto de crenças e valores que referendam nossa ação e compreensão do nosso contexto. Assim, destacaremos a forma com as mudanças vividas tem agido sobre esse conjunto de crenças e valores.

nova forma de relação com a economia, com o Estado e com a sociedade, e o fortalecimento do papel do capital se deu em detrimento do enfraquecimento sindical e da degradação das condições de trabalho. A nova organização do trabalho alterou completamente a relação com o tempo e o espaço, e tem se desenvolvido cada vez mais como um fluxo, prescindindo de vínculos sociais duradouros ou referenciais no passado (FREITAS, HELOANI e BARRETO, 2008 p.7).

O modelo que fora concebido dentro dos preceitos fordistas, levando a uma estrutura superespecializada e, principalmente, a uma noção de longo prazo mantido nas relações passa a ser substituído por outro, em que os limites geográficos já são facilmente transpostos por conta das tecnologias de informação, gerando uma forma de se relacionar com o mundo, muito mais dinâmica e, ao mesmo tempo, fugaz.

Giddens (1991) mostra como as transformações ocorridas na modernidade são de tal forma impactantes que se diferenciam de outras mudanças vividas em outras épocas, pela intensidade de sua ruptura. Segundo o autor,

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intensionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são as mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. Sobre o plano extensional, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intensionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana. (GIDDENS, 1991 p. 14)

Podemos ainda falar de pós-modernidade, como Harvey (2009) nos traz como uma condição histórica, principalmente caracterizada por uma predominância da estética sobre a ética, decorrente de uma crise de super acumulação. Segundo o autor,

A crise de superacumulação iniciada no final dos anos 60, e que chegou ao auge em 1973, gerou exatamente esse resultado. A experiência do tempo e do espaço se transformou, a confiança na associação entre juízos científicos e morais ruiu, a estética triunfou sobre a ética como foco primário de preocupação intelectual e social, as imagens dominaram as narrativas, a

efemeridade e a fragmentação assumiram precedência sobre verdades eternas e sobre a política unificada e as explicações deixaram o âmbito dos fundamentos materiais e político-econômicos e passaram para a consideração de práticas e políticas e culturais autônomas. (HARVEY, 2009 p. 293)

Desse modo, propomos um estudo exploratório, que vai procurar compreender como as pessoas lidam com essas rupturas no trabalho, como essas rupturas impactam na família, como a família absorve essas mudanças (como acolhe e como ela se modifica). Essas são as questões que o contexto descrito suscita e que serão os referenciais desta pesquisa.

II. Contexto e teoria

1. O trabalho

1.1 Considerações gerais sobre o trabalho

Escrever sobre a modificação que vem ocorrendo nas relações de trabalho e o conseqüente impacto nas relações familiares implica traçar um breve histórico em que se deve destacar as bases nas quais essas duas esferas estavam relacionadas, qual interseção entre elas e de que forma essa organização está sendo modificada. Como toda transição, uma série de impactos é derivada de um processo de adaptação a um modelo diferente daquele em que se estava alicerçado, exigindo um esforço dos indivíduos para compreender e implementar ações que ajudem a compreender essa nova situação e, assim, transitar entre os diferentes meios, encontrar seu lugar, criar alicerces nos quais possa se constituir em todos os sentidos.

Esse processo de intensa mudança tem gerado a sensação de estarmos “a uma grande velocidade frente a um porvir inexplorado, com um veículo todo-terreno, equipado com um magnífico retrovisor, mas com um pára brisas embaçado”(BLANCH, 2003 p.15, tradução nossa). A intermitência daquilo que se constrói faz com que a todo o momento sejamos convidados a reiniciar um novo projeto, frente a referenciais distintos, para atender a necessidades que se fazem presente, necessidades estas conduzidas por regras, construídas, de mercado e de interesse econômico.

Malvezzi (2004) descreve a importância do trabalho para a realização do ser humano. Para ele,

O trabalho é uma prática transformadora da realidade que viabiliza a sobrevivência e a realização do ser humano. Por meio do ato e do produto de seu trabalho o ser humano percebe sua vida como um projeto, reconhece sua condição ontológica, materializa e expressa sua dependência e poder sobre a natureza, produzindo os recursos materiais, culturais e institucionais que constituem seu ambiente, e desenvolve seu padrão de qualidade de vida. (MALVEZZI, 2004 p. 13)

Levando-se em conta que o trabalho exerce papel fundamental para o indivíduo, como forma de obter seu espaço social, reconhecido e validado pelo seu grupo e com o qual se tem

um ponto de suporte para que seu papel em outras esferas sociais, essas transformações nas relações de trabalho tem sido fonte de intensas preocupações e angústias para o mesmo, principalmente quando sua possibilidade de trabalhar está ameaçada.

Ameaçada por conta de um intenso processo de fragilização das relações de trabalho, fragilização essa causada por um privilégio a uma “economia de cassino” (Harvey, 2009 p.15), na qual há uma concentração de renda gerada por uma ação especulativa do capital que tem como conseqüência a ampliação do fosso que separa aqueles que concentram o capital daqueles que dependem diretamente de sua força de trabalho.

Vivemos uma transformação peculiar em que a dimensão temporal passa a ter outro significado, do imediato, da impossibilidade de planos e compromissos. Como retrata Sennett (2008, p.25), “é a dimensão do tempo do novo capitalismo, e não a transmissão de dados *high-tech*, os mercados de ações globais ou o livre comércio, que mais diretamente afeta a vida emocional das pessoas fora do local de trabalho”.

Em cima desse descompromisso, Mills (1979) ao falar da “Nova Classe Média”, aponta como paralelo do sofrimento vivido pelos operários do século XIX e do século XX. Apesar do sofrimento físico dos primeiros estar cada vez mais atenuado (com exceções ainda persistentes), a falta de raízes, ou em outras palavras, a falta de ambientes continentais da necessidade mínima de estruturação de referenciais identitários tem sido a grande questão enfrentada por aqueles que vivem essa transição ocorrida nos últimos 60 anos.

Malvezzi (2004, p.13) aponta os desafios que se impõem à Psicologia Organizacional e do Trabalho frente à modificação de um contexto no qual o trabalho passou de uma condição de institucionalização “até a era industrial, em íntima simbiose com a vida social e familiar, fora da influência do contexto econômico competitivo que caracteriza o presente contexto histórico”, levando a se pensar quais as conseqüências das incertezas e rupturas com as quais as pessoas são levadas a conviver em seu cotidiano.

Termos como incerteza, insegurança, instabilidade passam a ser recorrentes frente a um passado onde se podia estruturar uma base pautada pela proteção estatal através de leis trabalhistas, presença de sindicatos e entidades de classe que tinham melhores condições de lutar por direitos. Contudo, não devemos aqui incorrer em saudosismo, como já alertam alguns autores (MILLS, 1979; TOURAINE, 2006), em pensar que o regresso a uma época tida como dourada nos sirva de referência, até porque estes tempos passados também eram carregados de diferentes problemas e hoje estamos em um estágio no qual não se torna

possível regressar, frente à evolução tecnológica dos meios de comunicação, que permitem uma relação entre pessoas e uma vivência espaço-temporal diferenciada.

Dubar (2006) também faz esse alerta ao apontar, referenciando-se ao período designado Época de Ouro, ou como chamado na França, “trinta gloriosos”, que, apesar de uma série de transformações observadas para atender a “estratégias de rentabilização do capital, ou por políticas de modernização da administração pública”, o modelo anterior pautado em relações regradas por uma lógica taylorista ou rotinas limitantes não demonstravam mais a capacidade de “favorecer o desenvolvimento da identidade pessoal”.

Contudo, como ainda destaca o autor, não se promoveu um processo de transição em que a questão da fragilidade das relações e da impossibilidade em se traçar planos de longo prazo, pelo caráter efêmero dos vínculos, pudessem encontrar solução, outro modelo que desse suporte às pessoas, que lhes garantissem referenciais importantes à constituição da sua subjetividade.

O binômio estabilidade/instabilidade é uma questão que passa a ser preponderante, pois não se limita apenas à gestão de recursos humanos de uma empresa, mas é reflexo de toda uma organização social em que o descompromisso e a fragilidade dos vínculos, passam a permear todas as esferas do acontecer humano.

Tomando o trabalho como algo central para o indivíduo, por conta não só do ato de trabalhar, mas pela “remuneração social pelo trabalho” que leva a ser pertencente a grupos e certos direitos sociais, além da sua função psíquica, enquanto alicerce “da constituição do sujeito e da sua rede de significados” (HELOANI e LANCMAN, 2004), o que se passa a questionar é de que forma o indivíduo tem lidado com a precarização das relações de trabalho e este exerça seu papel já descrito.

Para atender aos objetivos dessa pesquisa, duas questões precisam ser abordadas nesse capítulo. Uma delas é compreender em que termos se deram as mudanças no mundo do trabalho. Mudanças essas que geraram rupturas, como a ocorrida entre relações de trabalho pautadas no referencial do bem-estar social, por mais que no Brasil não tenha vivido efetivamente essa política, como nos alertam Borges e Yamamoto (2004), mas que encontravam no trabalho industrial a possibilidade de crescimento, a garantia de salários considerados bons para a realidade brasileira, suportados pela proteção de uma legislação trabalhista

O que podemos destacar, de fato, é que ao longo dos anos 1990, todas as garantias de estabilidade e segurança que as empresas ofereciam não eram mais sustentadas. Diversas

políticas de reengenharia se fizeram presentes, alterando todo um padrão de estabilidade e perspectivas de longo prazo para um tempo mais urgente e imediato, em que os contratos são pautados pelo reduzido compromisso, garantias em pequenos intervalos de tempo, aumento do subemprego. Em um curto intervalo de tempo, passou-se a exigir uma capacidade de adaptação às mudanças ocorridas dentro dos muros corporativos que, decerto causaram impactos a uma longa distância além dos muros.

Um exemplo é trazido por Sennett (2006) quando fala sobre os déficits sociais ocorridos nesse contexto de mudança e sobre a baixa no capital social por conta do empobrecimento dos vínculos, que leva a não se estabelecerem relações de lealdade entre a instituição e os empregados.

Retomaremos essa discussão de forma mais detahada em outros momentos do texto, mas vale apontar o conceito de capital social utilizado por Sennett. O autor parte da perspectiva do indivíduo, sobre como ele avalia a qualidade dos vínculos que possui, sendo que um alto capital social é entendido, portanto, como uma avaliação positiva acerca da qualidade dos vínculos estabelecidos. Isso posto, o destaque a ser dado então é que, as relações entre as pessoas e instituições e, conseqüentemente, entre pessoas (até porque são elas que dão vida às instituições) estão cada vez mais frágeis, ou como diria Bauman (2005), líquidas.

Um segundo aspecto a ser tratado nesse capítulo passa a ser o sentido do trabalho. Ao se falar sobre o sentido que as pessoas atribuem ao trabalho, falamos imediatamente do papel que essa questão exerce naquilo que determina sua identidade. Isso nos remete a pensar nas possibilidades de constituição de identidade que possuímos hoje, naquilo que é criado na relação das necessidades individuais com seu meio. Ao estudar carreira, por exemplo, somos convidados a pensar sobre uma diversidade de modelos, carreira sem fronteiras, carreira portfólio, carreira de Proteu (HALL, 2002; ARTHUR, 1994; DUBERLAY et al., 2006) que nada mais são do que descrições sobre as estratégias possíveis que acabam sendo construídas para lidar com a insegurança que permeia a vida profissional.

Sennett (2006) também aponta que, ao pensar a identidade do trabalho, devemos pensar nas conseqüências sociais de suas atividades, ou seja, o quanto o grupo social legitima determinada atividade e, conseqüentemente, reconhece como trabalho aquilo que está sendo feito, dando ao indivíduo a condição de trabalhador produtivo.

Dentro desse contexto que teremos referencial para abordar às discussões acerca do mundo do trabalho, para pensar na vivência de transição e quais os sentidos dados pelos indivíduos ao trabalho em suas vidas.

1.2 Mudanças no mundo do trabalho

Para atender aos objetivos desse trabalho, precisamos aqui discutir as mudanças observadas nas relações de trabalho, que levaram especificamente à saída de um padrão de relações orientadas por estabilidade e previsibilidade para um padrão de instabilidade e não previsibilidade. Harvey (2009) tratou dessa mudança ao falar da saída de um modelo fordista de produção para um modelo de acumulação flexível, decorrentes principalmente da crise ocorrida na segunda metade dos anos 1960, devido a um enfraquecimento da demanda de consumo e potencializado pela crise de 1973. Conforme o próprio autor descreve, “o período de 1963 a 1973 tornou cada vez mais evidente a incapacidade do fordismo e do keynesianismo de conter as contradições inerentes do capitalismo” (HARVEY, 2009 p. 135).

É na tentativa de compreender melhor a dimensão destas transformações que ocorreram nesse período, que usaremos a definição que o autor apresentou para o modelo de acumulação flexível. A partir daí, trataremos, das variáveis que ajudaram a impulsionar essa transformação. Segundo o autor, a acumulação flexível

[...] é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. [...] envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado ‘setor de serviços’, bem como conjuntos industriais complementares novos em regiões subdesenvolvidas [...]. Ela também envolve um novo movimento que chamarei de ‘compressão

do espaço-tempo' no mundo capitalista – horizontes temporais da tomada de decisões privada e pública se estreitam, enquanto a comunicação via satélite e a queda dos custos de transporte possibilitaram cada vez mais a difusão imediata dessas decisões num espaço cada vez mais amplo e variado. (HARVEY, 2009 p. 140)

Para ele, o principal rompimento vivido nesse momento foi a saída de uma padronização e rigidez que envolvia o modelo fordista de produção para um segundo modelo em que inovação e a flexibilidade. Esse rompimento se deu por conta dos problemas apresentados pela “rigidez dos investimentos de capital fixo em larga escala e de longo prazo, em sistemas de produção em massa que impediam muita flexibilidade de planejamento e presumiam crescimento estável em mercados de consumo invariantes” (HARVEY, 2009 p. 135).

A forma anterior de organização do capitalismo, com forte intervenção estatal e crença no círculo virtuoso da economia, com a eliminação do desemprego como forma de estimular economias em recessão (keynesianismo), apoiado num modelo de produção racional e padronizado e em larga escala (fordismo), fortalecido pelas necessidades de produção do período pós 2ª Guerra Mundial (HOBBSAWN, 2009 p. 100). Assim, houve a necessidade de se reconstruir toda uma sociedade, em seus diversos aspectos, criando algo que pudesse retomar o crescimento, lidar com a falta de recursos e a pobreza que foi imposta pela guerra.

Desenvolver uma estrutura social que consumisse a produção de bens das empresas assentadas sob o modelo de produção fordista/taylorista, e que mantivesse afastada a possibilidade de influência comunista, fez com que se desenvolvesse uma forma de reestruturação econômica e social na Europa e que se estendeu a todo o “mundo capitalista”, no qual esse modo de produção tivesse sua imagem atrelada à idéia de progresso, de novo, de próspero. O aumento exponencial das economias capitalistas e a estímulo à crença de que aquilo que é novo é revolucionado (HOBBSAWN, 2009), possibilitou a criação no imaginário social de grandes períodos de prosperidade, de possibilidades de ascensão social, enfim, de que se estava vivendo uma época de sonhos após os terríveis anos de guerra. Dentro do chamado Estado de Bem-Estar Social, foram cumpridas por parte do poder estatal uma série de ações que permitiam um forte combate à pobreza, desemprego e desigualdade (POCHMANN, 2004).

Como ainda traz Borges e Yamamoto (2004), a noção de progresso keynesiana criava um vínculo estreito entre consumo e o trabalho, pois aqui se assentava a idéia de um círculo

virtuoso no qual o consumo aumenta a demanda por produção que aumenta número de empregos. Isso leva a um fortalecimento do paradigma taylorista-fordista de organização do trabalho, mas agora em um contexto de maior controle e intervenção estatal sobre a economia.

A questão do consumo passa, então, a assumir um papel que transcende a questão econômica de um ciclo virtuoso de crescimento, passando a representar materialmente as conquistas obtidas através do trabalho, que apesar de apresentar suas características típicas de um padrão taylorista/fordista (alienação, monotonia, submissão, distanciamento dos centros de decisão dos locais de execução), encontra nesse aspecto muito daquilo que permitiu a muitos sustentar tais condições, pois representaria ali a aceitação dentro de um determinado grupo social.

Conforme ainda traz Hobsbawn (2009, p. 264),

As grandes histórias de sucesso econômico em países capitalistas no pós-guerra, com raríssimas exceções (Hong Kong) são histórias de industrialização sustentadas, supervisionadas e orientadas e às vezes planejadas e administradas por governos – da França e Espanha na Europa, a Japão Coréia do Sul e Cingapura. Ao mesmo tempo, o compromisso político dos governos com o pleno emprego e – em menor medida – com redução da desigualdade econômica, isto é, um compromisso com a seguridade social e previdenciária, pela primeira vez proporcionou um mercado de consumo de massa para bens de luxo que agora podiam passar a ser aceitos como necessidades.

Nesse momento que o consumo passa a ter grande importância, pois se torna sinônimo de felicidade dentro do modo de vida americano (Lipietz, 1991 apud BORGES E YAMAMOTO, 2004), gerando impactos que refletirão em todo um padrão de relações pautadas pela questão do consumo, o qual será tratado mais à frente.

Assim, como diz Blanch (2003), ao longo de toda a evolução do sistema sócio econômico capitalista, acrescentado maior destaque para esse período que fora destacado até então, todas as crises e oscilações ocorridas eram mantidas sob um fundo de estabilidade que se permitia criar uma imagem de constância.

Esse fundo de estabilidade estava assentado na forte participação estatal que, nas economias capitalistas desenvolvidas conseguiram, após o término da Segunda Guerra, fortes avanços com relação à proteção social e trabalhista, sejam através de uma política de natureza

redistributiva, como aconteceu na Europa, ou através de ações de regulação do patrimônio, fluxo de renda e investimentos no sistema educacional (POCHMANN, 2004). A consequência direta sobre as políticas capitalistas se dava na contrariedade à concepção liberal, restringindo a força das ações do mercado. Aqui passam a ganhar força uma série de medidas e leis que reforçam a proteção aos trabalhadores, acordos coletivos que permitem padronizar ganhos e equilibrar forças frente a negociações feitas e expansão desses direitos a trabalhadores fora do campo industrial.

Na nossa realidade brasileira, não se pode falar de uma plena realização de uma política de Bem-Estar Social, por conta das características que permearam o processo de industrialização tardia em diversos países, que na mudança de uma política econômica pautada por um padrão agrícola para um industrial, não foram capazes de desenvolver políticas de redistribuição de renda e efetiva ação estatal para regulação do mercado, acentuando ainda mais as disparidades sociais existentes (MOURA, 2001; POCHMANN, 2004).

No Brasil, porém, alguns avanços nesse sentido foram observados a partir da Revolução de 1930, que permitiu uma mudança no panorama político, reduzindo a influência das classes rurais na questão econômica brasileira. Assim temos: o surgimento e fortalecimento de uma burguesia industrial e uma classe trabalhadora, a Consolidação das Leis Trabalhistas e definição de um salário mínimo que deveria dar conta de todas as necessidades básicas dos trabalhadores e a criação de políticas que visavam o financiamento estatal da educação, da saúde, da previdência e da assistência.

Contudo, ao contrário do que aconteceu nos países em que realmente se estabeleceu o Estado de Bem-Estar Social, no Brasil essas ações ficaram restritas ao benefício daqueles trabalhadores assalariados detentores de carteira de trabalho assinada, sendo expandidos a outros trabalhadores apenas em outros momentos, como na constituição de 1988, mas que na prática poucos avanços foram observados. (POCHMANN, 2004).

Como a indústria registrava crescimento muito maior que o setor agrícola, mesmo em épocas de crise mundial como a Segunda Guerra (MOURA, 2001), atrelada à conquista de direitos dos trabalhadores da indústria, o processo migratório foi intensificado em direção à São Paulo, e obter a carteira assinada passou a ser sinônimo de proteção e garantia de direitos. Não à toa a carteira assinada tem grande importância entre trabalhadores assalariados, que se identificavam, inclusive, através dela, durante muitos anos. Além disso, os diferentes

momentos em que o Brasil esteve sob a tutela de regimes autoritários, não houve a possibilidade de uma luta democrática por direitos que pudessem ampliar a proteção social.

A partir, então, da crise de 1973, “que pôs um conjunto de processos que solaparam o compromisso fordista” (HARVEY, 2009 p. 140), levou à busca de uma forma de acumulação que permitisse retomar crescimento e estimular consumo passaram orientar as ações das organizações. Segundo Harvey (2009 p. 137)

A mudança tecnológica, a automação, a busca de novas linhas de produto e nichos de mercado, a dispersão geográfica para zonas de controle do trabalho mais fácil, as fusões e medidas para acelerar o tempo de giro do capital passaram ao primeiro plano das estratégias corporativas de sobrevivência em condições gerais de deflação.

Toda essa mudança provocada pelo processo de acumulação flexível, passou a exercer uma série de modificações no mercado de trabalho. O aumento da competição, estreitamento das margens de lucro e a grande volatilidade do mercado, exerceram forte pressão para que mudanças significativas nas relações de trabalho ocorressem (HARVEY, 2009). Assim,

os padrões tiraram proveito do enfraquecimento do poder sindical, e da grande quantidade de mão-de-obra excedente (desempregados ou subempregados) para impor regimes e contratos de trabalho mais flexíveis. [...] Mesmo para os empregados regulares, sistemas como “nove dias corridos” ou jornadas de trabalho que têm em média quarenta horas semanais ao longo do ano, mas obrigam o empregado a trabalhar bem mais em períodos de pico de demanda, compensando com menos horas em períodos de redução da demanda, vêm se tornando muito mais comuns. Mais importante que isso é a aparente redução do emprego regular em favor do crescente uso do trabalho em tempo parcial, temporário ou subcontratado. (HARVEY, 2009 p. 143)

Essa mudança passou a determinar um tipo de vínculo com as organizações mais frágil. A subcontratação, o trabalho temporário e outras formas de contratação flexível permitem que essa relação possa ser desfeita a qualquer tempo sem que haja custos com esse desligamento. Isso facilita a um maior dinamismo da empresa com relação à gestão de seus recursos, decisão sobre cortes ou redirecionamento de sua produção para outros países mas

gera uma situação em que o indivíduo precisa buscar alternativas ao suporte estatal e legal que um regime de contratação formal prevê.

Um dos impactos que essa mudança causou foi a formação de pequenos negócios, em alguns casos, de caráter familiar, como parte fundamental dessa forma de produção capitalista. Segundo Harvey (2009, p. 145),

A subcontratação organizada abre oportunidades para a formação de pequenos negócios e, em alguns casos permite que sistemas mais antigos de trabalho doméstico, artesanal, familiar (patriarcal) e paternalista (“padrinhos”, “patronos” e até estruturas semelhantes à da máfia) revivam e floresçam, mas agora como peças centrais, e não apêndices do sistema produtivo.

Contudo, essa situação gera o enfraquecimento da organização da classe trabalhadora (HARVEY, 2009 p. 145). Isso porque o contexto em que se passa a criar uma consciência de classe passa a se misturar com questões de outra ordem como familiares, enfraquecendo a capacidade de luta estruturada.

Uma das conseqüências diretas dessa situação, que exerce profundo impacto na forma de organização familiar, é a facilitação da entrada da mulher no mercado de trabalho, por conta da possibilidade de se ter uma organização de tempo mais flexível, que permita a essa mulher conciliar seus diversos trabalhos.

Ainda segundo Harvey (2009, p. 146),

Não apenas as novas estruturas do mercado de trabalho facilitam muito a exploração da força de trabalho da mulher em ocupações de tempo parcial, substituindo assim trabalhadores homens centrais melhor remunerados e menos facilmente demitíveis pelo feminino mal pago, como o retorno dos sistemas de trabalho doméstico e familiar e da subcontratação permite o ressurgimento de práticas e trabalhos de cunho patriarcal feitos em casa. Esse retorno segue paralelo ao aumento da capacidade do capital multinacional de levar, para o exterior, sistemas fordistas de produção em massa, e ali explorar a força de trabalho feminino extremamente vulnerável em condições de remuneração extremamente baixa e segurança do emprego negligenciável.

Ainda se ressalta a importância que esse movimento que facilitou a entrada da mulher no mercado de trabalho, com um caráter progressista, até certo ponto, pois foi ao encontro de um momento em que havia uma luta significativa para uma maior consciência quanto para uma “melhoria das condições de um segmento que hoje representa mais de 40 por cento da força de trabalho em muitos países capitalistas avançados” (HARVEY, 2009 p. 146).

Outro impacto trazido pelo modelo de acumulação flexível foi o desenvolvimento tecnológico para atender constante necessidade de inovação, bem como o controle sobre informações que permitam a rápida comunicação entre os diferentes centros de produção. Isso porque, dentro do modelo de acumulação flexível, a necessidade em se ter novos produtos e que se reduza o tempo de giro e o tempo de consumo desse produto, estimulando seu consumo passa a ser elementos fundamentais para a sobrevivência do capitalismo. De acordo com Harvey (2009, p. 148)

O tempo de giro - que sempre é uma chave da lucratividade capitalista – foi reduzido de modo dramático pelo uso de novas tecnologias produtivas (automação, robôs) e de novas formas organizacionais (como o sistema de gerenciamento de estoques “just-in-time” que corta dramaticamente a quantidade de material necessária para manter a produção fluindo.

Da mesma forma, o desenvolvimento das tecnologias da informação passam a ter um papel fundamental no processo produtivo, pois se torna uma ferramenta que viabiliza a produção flexível por permitir rápidas mudanças no processo produtivo, além de promover um acúmulo de informações que levam a um rápido desenvolvimento de novos produtos e integração de diferentes áreas produtivas (BLANCH, 2003 p. 46).

Assim, um trabalho que esteja sendo desenvolvido em um país pode, rapidamente, ser transferido para outro conforme a necessidade de equilíbrio de custos e manutenção das margens de lucro, gerando a necessidade de se ter trabalhadores que estejam dispostos a acompanhar essas flutuações, ou como Sennett (2008, p. 73) indica, capazes de aceitar essas fragmentações e de se desprender do passado.

Esse panorama ganhou mais força com o surgimento na década de 1980 de modelos de governo liberalista, tendo como seus expoentes Ronald Reagan e Margaret Thatcher. Pregando a total ausência do Estado nos rumos da economia, os trabalhadores passaram a ter

que conviver com um modelo diferenciado de relação de trabalho, no qual passou a ser colocado em suas mãos, de forma única e exclusiva, a responsabilidade por estar ocupando um lugar no mercado de trabalho (HOBBSAWN, 2009).

Todavia, citando ainda o mesmo autor, há uma discrepância entre toda uma ideologia apregoada de intervenção mínima do Estado na economia e a evolução dos gastos públicos, conforme um artigo publicado na revista *The Economist*. Qualificando a composição dos gastos públicos como a) consumo do governo, b) investimentos públicos, c) transferências e d) subsídios e juros da dívida nacional, o artigo aponta que o único aspecto em que houve decréscimo foi os investimentos públicos. Em outros estudos citados no artigo, observou-se nos países europeus que os gastos de proteção social tiveram aumentos em relação ao PIB.

No Brasil, o enfrentamento das crises ocorridas durante a década de 1970 levou o país a um processo de estagnação produtiva, em que se observou um avanço das classes proprietárias de ativos financeiros, o que levou o projeto de desenvolvimento nacional a um ciclo de financeirização da riqueza, além de enfraquecer o sistema de proteção social por conta do contingenciamento de recursos para a esfera financeira e pela desestruturação do antigo papel do Estado (POCHMANN, 2004).

Entretanto, apesar disto, o trabalho com registro em carteira ainda se mantém no contexto brasileiro, como um porto seguro frente à constante presença de modalidades de trabalhos não regulamentadas ou com pouco acesso à possibilidade de regulamentação, como alguns setores agrícolas e serviços pequenos urbanos (POCHMANN, 2004), levando a uma grande disparidade social nesse sentido e uma cisão social clara no que tange o acesso a direitos.

Mas devemos apontar uma série de outras mudanças derivadas desse processo que, para Antunes (2002), não foi apenas uma crise do modelo de acumulação taylorista/fordista, mas sim uma crise do capital que nos influencia até o presente momento, levando a toda uma reestruturação para que o capital continuasse a vigorar na condução dos contextos econômicos e sociais atuais.

Como já dito, a partir da década de 1970 o discurso liberal volta a ganhar força e, com os avanços observados nas tecnologias de comunicação, que facilitaram muito a ampliação de fronteiras através de um espaço virtual que permite o imediato contato com diversas partes do globo, abertura de mercados, o surgimento do padrão toyotista de produção e conseqüente implementação de políticas de qualidade total nas empresas e o constante enfraquecimento de toda a legislação de proteção ao trabalho construída anteriormente, passam a ser o palco no

qual as questões da insegurança e imprevisibilidade ganham maior destaque e colorido no cotidiano das pessoas.

Antunes (2002) descreve transformações do processo produtivo e intensificação do trabalho em que, ao contrário do modelo fordista/taylorista no qual a questão do uso otimizado do tempo na linha de produção, do movimento mais adequado para uma ação mais efetiva e o afastamento dos centros de decisão das linhas de produção, neste novo modelo passa-se a utilizar novas técnicas de gestão em que termos como “trabalho em equipe”, “grupos semi-autônomos”, “envolvimento participativo dos trabalhadores”, “produção flexível”, passam a percorrer o vocabulário corporativo. Antunes traz um alerta, que será aprofundado mais à frente de que todo esse movimento de qualificação do trabalho ainda preserva, na sua essência, uma condição de trabalho alienada e de estranhamento.

Toda essa mudança gera uma mudança em termos estéticos de nossa sociedade. Harvey (2009, p 148) no diz que

A estética relativamente estável do modernismo fordista cedeu lugar a todo o ferimento, instabilidade e qualidades fugidias de uma estética pós-moderna que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercadificação de formas culturais.

Retomando o que fora dito anteriormente, esse processo de mudança, como qualquer outro, não passa incólume ao cotidiano das pessoas por ele influenciadas, gerando conseqüências que resultam hoje naquilo que está sendo, aqui, objeto de estudo: compreender os impactos dessas transformações na vida das pessoas.

1.3 Centralidade do trabalho e precarização das relações

Sennett (2008, p. 140) nos traz que “o problema que enfrentamos é como organizar as histórias de nossa vidas agora, num capitalismo que nos deixa à deriva”. E ele apresenta esse problema baseado na sua compreensão sobre o fato de que essa fragmentação do trabalho e a mudança irreversível e múltipla “podem ser confortáveis para os senhores do novo regime, como a corte de Davos, mas podem desorientar os servos do regime” (SENNETT, 2008 p. 139)

Antunes (2007) nos mostra a importância que o trabalho tem como elemento fundante do ser social. Segundo o autor,

O trabalho constitui-se numa categoria central e fundante, protoforma do ser social, porque possibilita a síntese entre teleologia e causalidade, que dá origem ao ser social. O trabalho, a sociabilidade, a linguagem, constituem-se em complexo que permitem a gênese do ser social (ANTUNES, 2007 p. 156).

Ou seja, temos hoje um grande desafio para o sujeito: buscar formas de trabalho que o ajudem nessa ação de constituição como um ser social, num contexto em que a precarização das relações e das condições de trabalho e o desemprego estrutural cada vez mais dificultam ao indivíduo a possibilidade de realização no trabalho.

Sennett (2008), aborda o tema “Fracasso”, relatando a forma como um grupo de profissionais lidaram com a perda de seus empregos e da estabilidade que possuíam, destacando como eles foram construindo narrativas que o ajudassem a dar sentido para o que estavam vivendo. Será a partir dos conteúdos trazidos por esse autor nesse capítulo que serão discutidos os impactos, no indivíduo, da precarização das relações de trabalho, frente à centralidade que o trabalho tem na vida dos mesmos.

“O fracasso é grande tabu moderno. A literatura popular está cheia de receitas de como vencer, mas em grande parte calada sobre como enfrentar o fracasso” (SENNETT, 2008 p. 141). Ao dizer isso, o autor já nos dá um indicativo de que forma estão construídos os valores culturais no que se refere ao mundo do trabalho. E o contexto em que esse tabu se insere é o de uma valorização do indivíduo vencedor, em um mercado competitivo, que o direito de levar tudo o que quiser.

Agora essa é uma condição que não está restrita às camadas mais pobres, atingindo também a classe média. Os constantes processos de reengenharia e reduções nos quadros de funcionários, fazem com que a classe média passe a sofrer com a angústia de faltar à própria família (SENNETT, 2008 p. 141). O autor ainda argumenta que

A própria oposição entre sucesso e fracasso é uma maneira de evitar aceitar o fracasso. Essa simples divisão sugere que, se temos suficientes indícios de conquistas materiais, não seremos perseguidos por sentimentos de insuficiência ou incompetência. (SENNETT, 2008 p. 142)

Foi a partir de sua experiência de acompanhar um grupo de homens que haviam sido demitidos em um processo de redução de um dos escritórios da IBM americana. Sennett conta toda a história da IBM e sua forma de compreender sua relação com o funcionário (empresa que oferecia todo o suporte para seus funcionários, com todos os benefícios legais previstos e que, por conta de erros de projeção de crescimento e de gestão, teve que reorganizar toda sua estrutura e demitir pessoas para se manter) para que possamos compreender a dinâmica e os diálogos realizados por esse grupo de homens para tentar buscar dar sentido, ou como o próprio autor define, construir uma narrativa.

Para se ter uma dimensão da mudança ocorrida na empresa, em seis meses a IBM já havia demitido um terço de seus funcionários das fábricas situadas nos Estados Unidos, além de reduzir outras operações e cancelar seus projetos de apoio à comunidade (SENNETT, 2008 p. 148).

Ao descrever esse grupo e a situação em que se encontravam, o autor diz que

Tornados supérfluos numa idade demasiado prematura, cavaram empregos como “consultores”, o que significa explorar suas agendas de endereços na esperança muitas vezes vã de que alguns contatos fora da empresa ainda se lembrem que eles existem. Alguns voltaram a trabalhar como empregados de curto prazo com contratos, sem benefícios nem posição na instituição. Como quer que tenham vivido nesses últimos quatro anos, não podem viver sem acompanhar os fatos concretos da mudança empresarial e seus efeitos em suas vidas (SENNETT, 2008 p. 148).

O autor observa a evolução das conversas deste grupo de profissionais, em que eles passaram de um primeiro momento de feroz ataque à IBM por sua atitude desleal na demissão dos funcionários, passando por um segundo momento de ataque aos profissionais indianos que estavam roubando seus postos de trabalho até chegar a um momento em que eles passam a pensar em alternativas que eles poderiam ter escolhido para evitar serem demitidos.

Sennett (2008, p. 156) ressalta o aspecto da maior vulnerabilidade das carreiras hoje e da importância para esse grupo de poder reconstruir a narrativa de sua história para assim apropriar-se daquilo que aconteceu, contudo ainda de uma forma incompleta. Segundo o autor,

Pode-se dizer finalmente, que esses homens enfrentaram o fracasso no passado, elucidaram os valores de suas carreiras mas não encontraram uma forma de ir em frente. No presente flexível e fragmentado, talvez pareça impossível criar narrativas apenas sobre o que foi, e não mais narrativas previstas sobre o que será.
(SENNETT, 2008 p. 161)

Também é apontado como essa situação impactou esse grupo de profissionais. Eles passaram a ficar todos mais voltados para si, abandonando papéis cívicos que exerciam na comunidade e buscando espaços nos quais poderiam encontrar suporte e, de alguma forma, conforto com relação à sensação de fracasso que sentiam. A religião, ou melhor, o espaço da igreja mostrou-se um forte referencial para aquela situação, que atingia a muitos naquela região, o que inclusive os permitia perceber que aquela situação não estava restrita a eles, que havia outros passando pela mesma situação.

A vivência do fracasso, portanto passa a ser um tabu pois se passa a atribuir ao indivíduo a responsabilidade por não conseguir se manter em um trabalho, mesmo quando sabemos que o poder de prever situações e evitá-las, em um mundo fragmentado e em constante mudança é uma tarefa difícil, senão impossível.

Lipovetsky (2008) traz essa discussão ao falar da obsessão pelo desempenho na sociedade do hiperconsumo. O autor retrata como o ideal de superar-se e de vencer exerce um efeito dopante sobre todos, levando as pessoas a ficarem “sob a injunção de serem competitivos, de assumir riscos, de estar no topo: a cultura do desempenho explode em todas as direções” (LIPOVETSKY, 2008 p. 261).

O autor ainda fala sobre como a obsessão pelo desempenho expande-se por outras esferas ao agir humano. Segundo o autor,

Há mais de uma dezena de anos, o esquema do desempenho é cada vez mais mobilizado como modelo de inteligibilidade da vida econômica, da sociedade e do agir humano. Intercambiar, trabalhar, alimentar-se, cuidar-se, distrair-se, consumir, embelezar-se, fazer esporte, fazer amor, por toda a parte, as práticas contemporâneas são interpretadas como umas tantas manifestações da norma performativa, que aparece, ao mesmo tempo, como a principal causa de nosso mal-estar social e existencial (LIPOVETSKY, 2008 p. 261).

O autor ainda destaca que, apesar desse culto ao desempenho presente na mitologia social, ele convive com outra característica da sociedade do hiperconsumo: a busca pelo prazer. O autor destaca que “na sociedade do hiperconsumo, o imperativo primeiro não é superar-se, é poder beneficiar-se de rendimentos confortáveis para participar em pé de igualdade do universo das satisfações mercantilizadas” (LIPOVETSKY, 2008 p. 267).

Assim, a expressão de felicidade das pessoas no trabalho não está tão associada ao desenvolvimento que a atividade proporciona, mas o alcance de fatores extrínsecos como melhor nível de vida, salários e outros benefícios (LIPOVETSKY, 2008 p. 267). Assim o autor procura demonstrar que as novas formas de gestão, baseadas no desempenho, na verdade exercem um efeito mais ansiógeno do que um efeito estimulante nas pessoas. Segundo o autor,

Muito mais tolerados que desejados, os preceitos da nova gestão são assimilados ao risco de demissão e ao recuo das proteções coletivas, ao aumento dos esforços penosos e à degradação das relações de trabalho. Ameaças de demissão, burn out, elevação de estresse, intensificação das cargas e ritmos de trabalho, medo permanente de não estar à altura das novas tarefas: antes que objeto de fervor, a nova era de eficácia é associada à inquietação com o futuro, às coerções e ao aumento das pressões que pesam sobre os assalariados (LIPOVETSKY, 2008 p. 268).

Assim, o autor define que

A sociedade hiper-moderna não se define pelo triunfo unilateral do desempenho, mas pela dualização das normas e dos pólos de referência que organizam a vida social. Disjunção entre desempenho e qualidade de vida, discordância entre superação de si e hedonismo (LIPOVETSKY, 2008 p. 269).

Outra característica apontada por este autor com relação à atual sociedade é a “fragmentação social da identificação com o trabalho” (LIPOVETSKY, 2008 p. 271). Essa é uma característica da sociedade como é descrita pelo autor, que acaba por favorecer o surgimento de trajetórias profissionais mais personalizadas e uma conseqüente variação nas formas de engajamento das pessoas ao trabalho.

Entretanto, como o autor alerta, isso não significa a perda da centralidade do trabalho na vida das pessoas. Segundo Lipovetsky (2008, p. 265)

Nas sociedades meritocráticas e mercantis, os indivíduos continuam a definir-se maciçamente por sua função profissional, que constitui um pólo de referência importante, um vetor central de estruturação da vida pessoal e profissional. Mesmo que as felicidades privadas polarizem cada vez mais as aspirações dos indivíduos, o trabalho continua a ser um incontornável mediador de auto-estima, produtor essencial da identidade social.[...] A desorientação e a humilhação sentida pelos desempregados de longa data o atesta: a identidade e o status social continuam a ser dominados pelo trabalho assalariado.

É possível pensar, portanto, a que tipo de sofrimento um indivíduo pode estar submetido a uma situação em que sua possibilidade de trabalhar esteja ameaçada. Um tipo de sofrimento no qual, além de se dirigir apenas ao indivíduo a incapacidade de não ter conseguido se manter no emprego, como no caso dos relatos dos funcionários da IBM citados por Sennett, mas também uma impossibilidade de acesso a um consumo, hoje ligado à idéia de prazer e de qualidade de vida, passando a se posicionar em exclusão à uma sociedade pautada pelo consumo. Nem precisamos aqui nos focar no desemprego, mas qualquer relação precária de trabalho ou subemprego, que não tenha um suporte social que ajude a criar significado para aquela situação.

É nesse sentido que Alves e Antunes (2004) discutem a dificuldade de se desenvolverem autênticas subjetividades. Segundo o autor

Nessa fase de mundialização do capital, caracterizada pelo desemprego estrutural, pela redução e precarização das condições de trabalho, evidencia-se a existência de uma materialidade adversa aos trabalhadores, um solo social que constrange ainda mais o afloramento de uma subjetividade autêntica [...]. Múltiplas fetichizações e reificações poluem e permeiam o mundo do trabalho com repercussões enormes na vida fora do trabalho, na esfera da reprodução societal, onde o consumo de mercadorias, materiais ou imateriais, também está em enorme medida estruturado pelo capital (ALVES e ANTUNES, 2004 p. 349).

Dejours (2004) aponta de forma sintética as conseqüências do atual modo de estruturação das relações de trabalho que, por falta de um espaço no qual se expresse a subjetividade e à valorização da individualização, tem provocado o agravamento das patologias mentais decorrentes do trabalho, além do surgimento de novas patologias como suicídio no local de trabalho e desenvolvimento da violência, entre outras. Essas patologias, na forma como se manifestam, são fenômenos ocorridos pós virada neoliberal, ou seja, reflexo de toda uma conduta social que tende a não suportar as relações intersubjetivas, levando ao isolamento ou à intolerância. (ALVES e ANTUNES, 2004).

Mills (1979), já havia apontado a questão da intranqüilidade que nos cerca, muito por conta da ausência dessa ilusão apontada por Sennett, quase 20 anos depois, em que se criou uma sociedade na qual não há referenciais claros para as pessoas seguirem. As certezas não se mostram sólidas, como pontos de apoio para se construir uma história. Torna-se difícil planejar a vida no longo prazo, se vivemos uma situação onde a fragmentação e o curto prazo se faz presente.

E é nesse momento que se pode ter as maiores dificuldades com relação à experiência do trabalho hoje. A criação e estruturação de planos de vida, a consolidação de um espaço através do trabalho, pois ele não é mais uma constante. Uma forma de lidar com essa situação, passar ser a busca por referências sociais que tornem possível construir uma narrativa, ter seu lugar reconhecido, criar um sentido para o trabalho. Ou como aponta Dejours (2008, p. 363) ter a possibilidade de termos “atividades socialmente valorizada”, como uma forma de

validação, de um reconhecimento na esfera pública que permita a construção de uma identidade.

2. A família

2.1 Considerações gerais sobre a família

Como o objetivo deste trabalho é investigar de que forma uma família consegue elaborar ações que permitam lidar com as mudanças que as relações de trabalho hoje. Não pretendemos aqui advogar em causa de um modelo ideal de família, tomando aquelas que não se encaixam dentro desse modelo como desviantes. Szymanski (2005) já nos faz esse alerta quanto ao fato de que o modelo familiar que está fixado como padrão, como referência de correção, é um modelo historicamente datado, da família burguesa, e que “aceitar o modelo de família como norma e não como modelo construído historicamente, aceita-se implicitamente seus valores, regras, crenças e padrões emocionais” (SZYMANSKI, 2005 p.24).

O que queremos aqui trabalhar é ver como a família se organiza e procura preservar-se em termos da qualidade de seus relacionamentos. Ou seja, de que forma a família permite ser um espaço de acolhimento de angústias e sofrimentos, no caso dessa pesquisa, principalmente oriundos da questão do trabalho, ou acaba por ser um espaço de reprodução da violência social.

A família se apresenta como um fenômeno importante para organização social estando ela presente em todos os tipos de cultura, mesmo aquelas mais afastadas do padrão como nos é mais familiar (LÉVI-STRAUSS, 1986 p. 71). Romanelli (2005) aponta que a família, principalmente sua forma de organização

É um elemento relevante do modo como ela conduz o processo de socialização dos imaturos, transmitindo-lhes valores, normas e modelos de conduta e orientando-os no sentido de tornarem-se sujeitos de direitos e deveres no universo doméstico e no domínio público (ROMANELLI, 2005 p. 73)

O autor ressalta que o processo de socialização não ocorre na família, estendendo-se a outras esferas de convívio como escolas, pares, mídia. Contudo, a relevância em se estudar a família se dá exatamente pelo fato de ser ela um espaço importante na constituição do indivíduo, como um membro de uma determinada comunidade, que está alinhado ou não às normas de conduta (sem fazer juízo de valor) que regem as relações entre as pessoas.

Falamos aqui, portanto, que a família possui uma cara dimensão social, na qual ela é parte e também agente de reprodução dessas normas sociais. Adorno e Horkheimer (1973, p. 133) nos deixam claro essa condição da família quando afirmam que “na verdade, a família não só depende da realidade social, em suas sucessivas concretizações históricas, mas também está socialmente mediatizada, mesmo em sua estrutura mais íntima”.

Assim, os autores definem que a família encontra-se em uma dinâmica dupla, na qual por um lado

A crescente socialização – “racionalização”, “integração”, de todas as relações humanas na sociedade de troca plenamente desenvolvida – tende a comprimir e negar ao máximo o elemento irracional e natural-espontâneo, [...]. Por outro lado, o desequilíbrio entre o indivíduo e forças totalitárias da sociedade intensifica-se de tal modo que, com frequência, o indivíduo é coagido a procurar uma espécie de refúgio, recolhendo-se em microgrupos do tipo da família, cuja persistência autônoma parece incompatível com o desenvolvimento geral. (ADORNO; HORKHEIMER, 1973 p. 133, grifo do autor).

Romanelli (1986, p. 41), nos apresenta um alerta sobre como o caráter coletivo da família pode nos induzir ao erro de pensá-la de forma reificada, pensando ela de uma forma distanciada com relação ao indivíduos que a compõe. Esse aspecto é fundamental para os objetivos dessa pesquisa pois, se falarmos de diferentes formas de família, falamos de modelos de construção das relações entre os indivíduos que refletem tanto a dinâmica social quanto a dinâmica dos próprios indivíduos que ali se inserem. Assim, pensar nas estratégias utilizadas pela família para incorporar mudanças ocorridas na esfera do trabalho nos remete também a pensar nas escolhas feitas por esses indivíduos, a partir de suas próprias perspectivas, sobre o que consideram ou não boas para eles.

Se a família é mediatizada pelo meio social, e se estamos trabalhando com a perspectiva de que o próprio meio social vem passando por um processo de intensa

transformação, como relatamos sobre as mudanças no mundo do trabalho, não seria diferente que isso acontecesse com a família.

Sarti (2005) deixa isso claro ao falar que não só a família vem sofrendo um grande processo de transformação no qual a dimensão da individualidade passa a ter grande força e que a tradição tem sofrido uma perda de sentido. Segundo a autora,

No mundo contemporâneo, as mudanças ocorridas na família relacionam-se com a perda do sentido da tradição. Vivemos em uma sociedade onde a tradição vem sendo abandonada como em nenhuma outra época da História. Assim, o amor, o casamento, a família, a sexualidade, o trabalho, antes vividos a partir de papéis pré-estabelecidos, passam a ser concebidos como parte de um projeto em que a individualidade conta decisivamente e adquire cada vez maior importância social (SARTI, 2005 p. 43).

Há uma parte importante dessa situação que se refere à possibilidade de quebrar papéis pré-estabelecidos, pois isso possibilita oportunidade de se modificar situações que geram opressão. Contudo, há outro aspecto nesse trecho que se refere ao rompimento com a tradição. O que seria interessante destacar aqui, não é um saudosismo com relação às tradições que deveriam ser resgatadas mas, como foi já apresentado nesse texto, a dificuldade de se construir narrativas sobre nossas vidas. As relações são de curto prazo, o que não cabe um apego à história, pois o que farei amanhã pode ser totalmente diferente do que faço hoje, e pior, o que fiz ontem pode não ter mais nenhum valor.

Esse rompimento com a História, com as tradições, gera a necessidade de se construir novos espaços de reconhecimento e afirmação do indivíduo em seu meio. E é nesse reconhecimento que o indivíduo pode construir uma história que lhe ajude a atribuir sentido para o que faz, e lhe permita ter suporte para suas ações futuras.

Outro aspecto importante a ser destacado é que não podemos entender a família enquanto uma abstração. Não só nossas condições atuais tem provocado uma série de rompimentos com as tradições, nas quais papéis, funções e padrões estão sendo constantemente negociados, mas precisamos entender a família em contexto, dentro de um determinado momento histórico, estrato social (MELLO, 2005 p. 53) e outras variáveis presentes que exercem influência direta sobre como as pessoas podem, precisam ou querem organizar as relações familiares.

Nesse sentido, vamos tratar de dois principais temas para discutir a questão da família. Primeiro localizar as mudanças ocorridas e elencar os principais impactos dessas mudanças e depois falar da diferença entre famílias, através de sua condição sócio-econômica, para ter mais claro de que forma as mudanças no mundo do trabalho podem exercer influência sobre os indivíduos e a organização da família.

2.2 Transformações na família

O modelo de família foi criado a partir da “separação espaço-temporal do trabalho-produção e da família introduz um novo tipo de relação social e de divisão do trabalho entre homens e mulheres (DUBAR, 2009 p. 79), no qual cada espaço definia a identidade desse homem e dessa mulher. Esse modelo tradicional de família construído pela burguesia e que pressupõe papéis já estabelecidos, que não dão margem para o surgimento dos conflitos, já que não há o que ser questionado ou modificado. Além disso, passa-se a questionar a hierarquia que permeia a constituição da família tradicional, através da autoridade patriarcal e da divisão dos papéis familiares (SARTI, 2005 p. 43).

Porém, nos últimos anos as mudanças de ordem econômica e social a que ocorreram estão rompendo com esses papéis pré-estabelecidos e padrões de comportamento que convidam os indivíduos a repensarem e fazer constantes negociações para conseguir conciliar diferentes necessidades individuais com projetos coletivos da família, por conta da introdução da individualidade na família (SARTI, 2005).

Mello (2005, p. 52) argumenta sobre a ingenuidade que seria pensar que as transformações ocorridas nos últimos trinta anos, no Brasil, não teriam impacto também sobre “o delicado equilíbrio das relações familiares”. A autora ainda destaca que essas mudanças afetam diretamente a forma como os sujeitos se concebem e como eles concebem seu lugar no mundo social, para além das fronteiras da família.

Romanelli (2005, p. 75) define as características desse modelo padrão de família, apontando como suas características

A divisão sexual do trabalho bastante rígida, que separa tarefas e atribuições masculinas e femininas; o tipo de vínculo afetivo existente entre os cônjuges e entre esses e a prole, sendo que neste último caso há maior

proximidade entre mãe e filhos; o controle da sexualidade feminina e a dupla moral sexual.

A divisão sexual do trabalho, primeiro item citado pelo autor, sofreu profundas modificações a partir da década de 1960, quando a busca das mulheres por seus direitos, aliados a uma mudança nos padrões das relações de trabalho, que se tornaram mais flexíveis, levaram à mulher assumir um papel diferenciado nesse sentido.

Hobsbawn (2009, p.304) traz uma série de dados que ajudam a dimensionar o tamanho e a rapidez com que a mulher inseriu-se no mercado de trabalho, passando a ocupar papel chave na forma flexível de economia. Segundo o autor, menos de 14% das mulheres que estavam casadas e que viviam com os maridos trabalhavam por salário, porcentagem essa que subiu para 50% na década de 1980. O que o autor ressalta aqui não é o fato de este ser um fenômeno novo, mas ele destaca como esse foi um fenômeno que fora acompanhado por um maciço acesso dessas mulheres ao ensino e à formação profissional de nível superior, principalmente relacionado às profissões liberais.

Como consequência,

A entrada das mulheres casadas – ou seja, em grande parte mães – no mercado de trabalho e a sensacional expansão da educação superior formaram o pano de fundo, pelo menos nos países ocidentais típicos, para impressionante reflorescimento dos movimentos feministas a partir da década de 1960 (HOBSBAWN, 2009 p. 306).

Associado ao fato de que o trabalho passou a ser mais instável, que na forma flexível de organização das relações de trabalho o desemprego estrutural é uma realidade que leva muitos trabalhadores a ficarem sem emprego e uma renda, o primeiro rompimento com relação aos papéis masculino e feminino, das atividades da esfera privada e da esfera pública, passam a ter vez. A condição do homem de único provedor da família passa a não ser mais possível. A necessidade de se redistribuir papéis dentro do espaço privado passa a ser algo que as famílias precisam incorporar, na forma de negociar os projetos de vida de todos, caso queiram manter-se juntos e casados.

Bruschini (2007, p. 3) apresenta uma série de indicadores de pesquisa demográfica do IBGE que refletem o caráter dessas mudanças no Brasil. A autora mostra como a taxa de fecundidade (2,1 filhos por mulher em 2005) e consequente redução no número de pessoas na

que compõem a família (3,2, em média, em 2005) e um aumento no número de famílias chefiadas pelas mulheres (30,6% das famílias residentes em domicílios particulares) e que isso refletem uma série de modificações nos padrões culturais relativos ao papel da mulher, refletindo uma identidade feminina voltada mais para o trabalho.

Outro aspecto que exerceu forte influência sobre esse processo de modificação da família foi o acesso a métodos contraceptivos, que permitiram à mulher ter maior controle sobre a decisão de ter ou não filhos em conformidade com seus interesses. Dubar (2009, p. 82) chega a tratar o surgimento dos métodos anticoncepcionais como a principal revolução vivida pelas mulheres que estavam com 20 anos na década de 1960, tamanho era seu impacto na forma de se pensar a formação das famílias.

Vaitsman (1994) indica como esse processo passou a reformular as relações na família, rompendo com o rígido modelo burguês e passando a exigir a negociações internas que permitam a expressão de aspirações pessoais. Segundo a autora,

[...] a concepção moderna de casamento e de família, fundada no individualismo patriarcal, passou a conviver com uma concepção pós-moderna, na qual a heterogeneidade, a efemeridade, a contextualidade de padrões e comportamentos tornaram-se traços dominantes e legítimos (VAITSMAN, 1994 p. 51).

Szymanski (2005) mostra como esse processo de diversificação das formas de organização da família devem ser encaradas não como padrões desviantes, mas como formas de adaptação às dificuldades que se passam no cotidiano. Não é pela diversificação das formas de organização familiar que se pode falar em crise da instituição.

Adorno e Horkheimer (1973, p. 141) discutem a questão da crise da família sob outra perspectiva, mais relacionada a um processo de atomização, que pode ser indicativo de uma “desintegração da humanidade”. Os autores citam o exemplo da sociedade americana, na qual um culto artificial e a exploração da família como um produto, representam a própria decadência da família, através da precarização dos vínculos afetivos. Segundo os autores,

É característico que justamente onde o culto romântico da família encontrou maus ruidosos e ativos oficiantes, a instituição do divórcio tenha já viciado o conteúdo do matrimônio. Os indivíduos tornam-se substituíveis, como na

vida profissional, na qual se abandona um cargo quando outro melhor se lhes oferece. (ADORNO;HOKHEIMER, 1973 p. 142)

Costa (1984) mostra como os indivíduos encontram-se homogeneizados e incapazes de aceitar o outro, visto que estão pautados por uma lógica de consumo no qual, por falta de espaços em que se observe a possibilidade de uma constituição subjetiva melhor estruturada. Assim, a incapacidade de não atender a essa lógica gera uma imediata exclusão mútua, permitindo ao que “consome” a eliminação daquele que não se enquadra no esperado e, no outro lado, a reação violenta da exclusão.

Contudo, a idéia de crise precisa ser relativizada dentro de cada grupo social. A dinâmica familiar e suas possibilidades de organização são diretamente influenciadas pela sua condição social, que também ajuda a constituir a forma de visão os indivíduos sobre si mesmos, sobre a importância da família e seus papéis nela. A idéia de crise vai se adequar na proporção em que a forma como essas famílias vêem suas crenças abaladas e a possibilidade de reorganização e de suporte social limitada. Assim, trataremos dessas diferenças entre famílias como forma de sustentar as análises a serem feitas sobre como as famílias tem lidado com as mudanças no trabalho e suas conseqüências.

2.3 Diferenças entre famílias

Se um trabalho que se proponha trabalhar a questão da família tem que ter o cuidado de trabalhar a análise dessa família em perspectiva, dentro de um contexto histórico, país e estrato social (Mello, 2005), faz-se necessário discutir as diferenças existentes entre famílias com relação ao estrato social e com relação ao contexto brasileiro, já que abordamos a questão do momento ao falar das mudanças ocorridas na organização das famílias.

Para essa discussão, dois autores serão utilizados como referência. Sarti (2009) será nossa principal referência para discutir a organização da família em camadas pobres e Romanelli (1986) será nossa principal referência para discutirmos a questão da família para a classe média. A proposta é apresentarmos, em linhas gerais, como as pessoas dessas famílias vêem seus papéis dentro da família, como percebem a família em suas vidas e ter, a partir daí, elementos para entender como o trabalho pode exercer diferentes efeitos nas diversas famílias.

Sarti (2009, p. 20), define as famílias pobres como “os destituídos dos instrumentos que, na sociedade capitalista, conferem poder, riqueza e prestígio”. A autora desenvolveu sua pesquisa em um bairro localizado na periferia da Zona Leste de São Paulo, e teve como objetivo compreender de que forma os pobres organizam, interpretam e compreendem seu lugar no mundo, tendo como ponto de partida para esse estudo, a família. Uma característica importante apontada pela autora sobre esse grupo, composto basicamente de migrantes que vieram a São Paulo com o objetivo de conseguir melhores padrões de vida é que eles

Defrontam-se, portanto, cotidianamente com as possibilidades deste mundo, sem que, entretanto, as elas tenha acesso, precisamente porque são pobres. Nesta ambigüidade, neste querer-e-não-poder, os pobres estruturam sua identidade social e constroem seus valores, procurando retraduzir em seus próprios termos o sentido de um mundo que lhes promete o que não lhes dá.
(SARTI, 2009 p.34, grifo do autor)

É um grupo social que precisa lidar cotidianamente com as dificuldades e limitações de uma vida com pouco suporte, numa situação em que o desemprego estrutural se faz presente e que precisam lidar com as pressões que essa situação lhe inflige para conseguir ocupar seu espaço e criar um sentido de seu papel na família.

Segundo a autora, as famílias pobres organizam-se com uma divisão muito clara de papéis, e estruturadas em cima de uma hierarquia no qual o exercício da autoridade masculina e da autoridade feminina estão muito bem delimitados. Ao homem reserva-se o espaço do provedor responsável por trazer o sustento da casa, o papel de mediador entre o mundo externo e o espaço privado da família. À mulher reserva-se o papel de administrar a casa, de cuidar do dinheiro para que não falte nada de alimento à família. Segundo a autora,

[...] o homem é considerado o chefe da família e a mulher a chefe da casa. Essa divisão complementar permite, então, a realização das diferentes funções da autoridade na família. O homem corporifica a idéia de autoridade, como mediação com o mundo externo. Ele é a autoridade moral, responsável pela respeitabilidade familiar. Sua presença faz da família uma entidade moral positiva, na medida em que ele garante o respeito. Ele, portanto, responde pela família. Cabe à mulher outra importante dimensão da autoridade, manter a unidade do grupo. Ela é quem cuida de todos, e zela para que tudo esteja em seu lugar (Ibid, p. 63)

Ao exercício da autoridade masculina está atrelado ao cumprimento de suas obrigações com a família, ou seja, trazer o sustento da casa e o exercício da “boa autoridade” (Ibid, p. 57). Nesse caso, a dimensão da pobreza parece exercer um efeito mais impactante sobre os homens que as mulheres, pois estes se colocam como responsáveis pelo sustento familiar, recaindo de forma mais intensa sobre eles o peso do fracasso (Ibid., p.61).

Agora, essa situação não quer dizer que se mostra um problema para a mulher trabalhar, até porque é uma situação à qual estão acostumadas, para que componham a renda da casa. Contudo, o não cumprimento do papel de provedor por parte do homem causa um efeito de desmoralizador que abala o respeito que os familiares lhes devem, causando “uma significativa perda para a família como totalidade” (Ibid, p. 67).

Outra forma de vivência dessa sensação de fracasso por parte dos homens se dá no momento em que se observa a igualdade de direitos entre o homem e a mulher, com ela passando a ocupar o espaço de mediação com o externo através do trabalho e do sustento da casa. Para o homem, isso é vivido de forma ambivalente, reforçando nesse a sensação de incapacidade quanto a cumprir as obrigações que lhe são depositadas, mesmo que os motivos que o impedem de cumprir sua obrigação não estejam sob seu controle (SARTI, 2009 p. 71).

A noção de família é outro conceito importante de ser tratado. Para esse grupo, a família tem um papel de exercício e obrigação moral fortes, que estruturam as relações entre as pessoas, visto que é a partir do cumprimento dessas obrigações que se dá o sentido de pertinência ao grupo. Para a autora,

*A família, como ordem moral, fundada num dar e receber contínuos, torna-se uma referência simbólica fundamental, uma **linguagem**, através da qual as pobres traduzem o mundo social, orientando e atribuindo significado a suas relações dentro e fora de casa (SARTI, 2009p. 86, grifo do autor).*

Assim, a dimensão do trabalho para o homem passa a ser de grande importância, principalmente por ser através dele que se pode afirmar sua identidade masculina. (Ibid., p. 90). Isso porque o trabalho ajuda a garantir o respeito de seus familiares, firma o homem no seu papel como o chefe da família, legitimando um lugar de respeitabilidade perante sua família e seu grupo social (Ibid. p. 92).

O trabalho remunerado feminino, por outro lado, possui uma conotação diferenciada, mais atrelada à possibilidade de garantir uma melhor condição para os filhos, ou seja, está

subordinado às obrigações familiares. Existe a importância da obtenção da renda para garantir a compra de coisas para si, da possibilidade de sair de casa e ver o mundo fora, mas a principal importância do trabalho mostra-se atrelada aos cuidados dos filhos e da família (Ibid., p.100).

Para falar sobre as famílias de classe média, vamos recorrer à tese de Doutorado de Geraldo Romanelli, defendida em 1986, na qual ele discute como as famílias de classe média estão se organizando frente às situações que a modernidade nos traz e de que modo essas mudanças são acomodadas por essas famílias.

Em primeiro lugar, é importante destacar o que o autor apresenta como classe média, visto que como ele próprio demonstra na sua tese, esse é um grupo em que a possibilidade de agrupar as pessoas em um grupo homogêneo é difícil devido a uma grande variedade em termos econômicos, de formas de trabalho, escolaridade. O autor resolve essa questão através “escolha e combinação de critérios simbólicos, que unificam desse ângulo uma parcela da população. Esses critérios consistem na auto-representação de um grupo, nas experiências sintetizadoras, ou na adesão a ideologias tradicionais ou individualistas” (ROMANELLI, 1986 p. 14).

Outra característica importante destacada pelo autor é a tensão entre dois ethos distintos, a saber, a ideologia individualista que alimenta a busca pela autonomia e pela igualdade entre indivíduos contrastada com os padrões tradicionais no qual o indivíduo é englobado pela família, os elementos de hierarquia e as relações de parentesco além das divisões por gênero se mostram presentes. E é nessa tensão que a família se coloca como espaço no qual se constroem as identidades sociais, onde se estruturam as visões de mundo de seus integrantes e seus padrões de sociabilidade (Ibid., p. 15).

Ao comentar sobre a mudança no modelo de família nuclear, o autor faz uma distinção sobre o que leva as famílias de classe média a criarem novas formas de organização familiar. Diferente das camadas populares, nas quais a questão econômica exerce forte influência, nas famílias da classe média observa-se a mudança por uma escolha deliberada desse grupo, que reflete “certa insatisfação com o modelo nuclear e hegemônico de família e são indicadores, [...] da tentativa de organizar as relações entre os sexos de outra forma” (Ibid. p. 36), apesar de que o autor alerta para que não se pense de imediato numa contestação do modelo anterior, podendo ser apenas uma nova roupagem para acomodar relações que se estruturam no modelo familiar antigo.

Com relação ao modelo de família presente, ainda se observa a presença do modelo hegemônico de organização doméstica, com dominância masculina, contudo não se impõe de modo absoluto. O autor também observou que essas famílias, o casal constitui-se mais como uma unidade de cooperação econômica (Ibid, 1986 p. 313).

Outra característica desse grupo é a observância de um processo de ascensão social em relação à família de origem, contudo que geram diferentes relações com os padrões familiares aprendidos na infância. Romanelli faz uma discussão sobre os grupos que compuseram sua amostra, com relação à seu grau de politização, no caso ligado à sua formação acadêmica.

Foi possível ao autor observar naquele grupo de formação universitária realizada em universidade pública um maior padrão de contestação com relação à autoridade dos pais e uma maior busca pela autonomia, principalmente pelas mulheres. Outra característica desse grupo refere-se à forma como concebe seu projeto familiar, no qual observa-se o objetivo de organizar a família de forma diferente dos moldes da família de origem, mas acabam situando-se em um ponto no qual falta-se uma referência para fazê-lo (Ibid.,p. 318). Nesse grupo também se observa uma maior negociação com relação aos papéis, já que o trabalho feminino e o fato de a mulher não estar a todo tempo com os filhos são ações valorizadas.

Já para o grupo em que sua formação acadêmica se deu em universidades privadas apresenta uma maior adaptação ao modelo hegemônico, não apresentando o conflito sobre uma diferenciação do modelo, apesar de apresentarem também um processo de individuação em relação à família de origem (ROMANELLI, 1986 p. 320). Nesse grupo, os papéis continuam segregados e há uma tendência a legitimar a concepção masculina sobre a família, sendo que o trabalho da mulher não pode interferir no processo de socialização dos filhos. Nesse grupo, o papel do homem como provedor e da mulher como responsável pela união familiar ainda se fazem presente. (Ibid. p. 323).

Podemos observar na descrição dada por Romanelli sobre as famílias de camadas médias, algumas semelhanças de um grupo, em que a formação política não se deu de forma tão intensa, de certos fatores também presentes nas famílias de camadas pobres, principalmente no que concerne à questão dos papéis do homem e da mulher, exercício da autoridade e expectativas sobre cada um deles com relação à manutenção da família.

Um tema que fica constante nesse trabalho e que será o pano de fundo para as análises a serem feitas é a questão da transição. Pensar que o rompimento com as tradições leva a um novo questionamento sobre os papéis, sobre a constituição identitária de cada indivíduo, num contexto em que a perspectiva de curto prazo impede a construção mais sólida de novos

papéis, pois estes são cambiáveis a todo instante, nos leva a questionar de que forma as pessoas lidam com esse luto e que estratégias são possíveis para criar um espaço de constância num terreno movediço, instável.

3. Identidade e transformação social

Como criar sentido para aquilo que se é e que se faz, num contexto de mudança? Essa pergunta, que motiva o interesse dessa pesquisa, procura compreender como é possível buscar alternativas que ajudem ao indivíduo construir um espaço que lhe permita construir uma história à qual se sustenta sua identidade e permite fazer com que haja sentido naquilo que faz.

Dubar (2009), procura discutir de que forma se torna possível a construção de identidades em um contexto de constante mudança, nos quais os referenciais históricos e tradicionais se perdem e de que forma se torna possível agir na busca de formar uma nova identidade, que permita que o indivíduo encontre um lugar. Ele trabalha com a idéia de crise relacionada “à desestabilização do arranjo anterior das formas identitárias” (DUBAR, 2009 p. 15). Vamos utilizar a referência dada por esse autor sobre o conceito de identidade e sobre as possibilidades de construção de uma identidade em um mundo em mutação como referência para os objetivos desse trabalho.

Como referência para discussão, vamos utilizar o conceito de identidade apresentado por Dubar. Segundo o autor,

[...] a identidade não é necessariamente o que permanece “idêntico”, mas o resultado de uma “identificação” contingente. É o resultado de uma dupla operação linguageira: diferenciação e generalização. A primeira é aquela que visa a definir a diferença, o que constitui a singularidade de alguma coisa ou de alguém relativamente a alguém ou a alguma coisa diferente: a identidade é diferença. A segunda é a que procura definir o ponto comum a uma classe de elementos todos diferentes de um mesmo outro: a identidade é pertencimento comum (DUBAR, 2009 p. 13)

Dentro dessa definição, temos dois aspectos muito relevantes do processo de construção da identidade que nos interessam aqui para pensar o processo de adaptação das pessoas às transformações que são hoje vividas. A primeira delas é que a identidade não é construída por si só, mas a partir da relação com o outro. A segunda é que a identidade é formada dentro de um determinado contexto, que te permite ver-se como igual ou diferente de outras pessoas. Desse modo, a identidade está ligada a um momento histórico, é representativo de um contexto cultural, econômico e social que se apresenta.

Winnicott (1975, 1999) demonstra como se dá o processo de desenvolvimento emocional do indivíduo, considerando o ambiente como espaço fundamental para que ele consiga diferenciar-se do mundo e reconhecer-se a si e ao outro. Ao falar do desenvolvimento do bebê, o autor destaca que

[...] nas primeiras fases do desenvolvimento emocional do bebê humano, um papel vital é desempenhado pelo meio ambiente, que, de fato, o bebê ainda não separou de si mesmo. Gradativamente, a separação entre o não eu e o eu se efetua, e o ritmo dela varia de acordo com o bebê e o meio ambiente (WINNICOTT, 1975 p. 153).

E a ação do ambiente deve ser tal que permita ao bebê sentir a confiança necessária, através de um suporte às suas necessidades, para que seu desenvolvimento transcorra de forma a permitir a constituição deste self. É necessário que o bebê possa se reconhecer no outro e receber do outro aquilo que é si mesmo.

Assim, quando o ambiente não oferece a segurança necessária e não dá o retorno esperado para que o processo de desenvolvimento ocorra

[...] o bebê deverá assumir função do ambiental, se o ambiente não for confiável, de modo que existirá um verdadeiro eu oculto, e o que veremos será um falso eu empenhado na dupla tarefa de esconder o verdadeiro eu e de submeter-se às exigências que o mundo faz a cada momento (WINNICOTT, 1999 p. 217)

Nesse caso, não haverá a integração do bebê em um verdadeiro self, pois não houve um ambiente que suportou suas necessidades, relacionando-se com ele verdadeiramente.

Dessa forma, o indivíduo passa a se relacionar com o outro através de um falso self, com uma identidade não estruturada, que passa a ser fonte de sofrimento pois o indivíduo não consegue se sentir real.

Associando o que foi dito até o momento, se podemos pensar em crises das identidades, nesse momento, podemos pensar em um contexto em que o ambiente não se mostra confiável o suficiente para que o indivíduo consiga adaptar-se a mudanças e construir seu espaço novamente.

Chanlat (1991, p. 31) ao trazer a idéia de que “não se pode conceber um ser humano ou uma coletividade sem que não tenha nenhum tipo de vinculação espacial”, nos permite questionais como organizar-se, constituir sua identidade se a todo o momento somos convidados a nos mudar de um espaço a outro, seja um espaço físico ou um espaço simbólico, que dentro de um contexto social, me dê referências de quem sou, de qual é meu papel.

Dubar apresenta esse mesmo questionamento, quando fala das mudanças imprevistas, que não estão sobre nosso controle e que exercem efeitos perturbadores sobre o indivíduo. Para o autor,

Essas crises reacionais, consecutivas ao surgimento de um “acontecimento imprevisto” como um licenciamento, o fechamento da fábrica, uma desclassificação, uma aposentadoria antecipada, um divórcio, etc., cortam o curso do tempo vivido e engendram perdas materiais, perturbações relacionadas e uma mudança de subjetividade” (DUBAR, 2009 p. 197)

Cada vez mais o discurso sobre transformação e mudança se faz mais presente, seja de emprego, da compra da empresa na qual trabalha, de um divórcio, a cada situação o indivíduo é convidado a repensar sua identidade e buscar consolidá-la de modo a lidar com a mudança vivida e com o rompimento com o padrão que lhe era conhecido.

E podemos dizer que essas situações refletem crises identitárias porque elas atuam diretamente sobre a forma como a pessoa se vê, a como ela se define no mundo (DUBAR, 2009, p. 198). É nessa situação que a busca pela compreensão de como as mudanças na esfera do trabalho exercem seu impacto na família faz seu sentido.

No momento em que esses rompimentos são vividos, há uma necessidade de todas as pessoas ali envolvidas buscarem uma forma de reorganizar sua visão de mundo e reorganizar

a visão que possuem de si e que possuem do outro sobre o papel e o espaço de cada um nesse mundo. Contudo, no momento em que esse processo se dá, a família pode tanto ocupar esse espaço de acolhedor do sofrimento e espaço de suporte para a possibilidade de reconstituir identidades quanto agir como elemento reprodutor do mesmo ato violento.

Mandelbaum (2004), ao discutir a questão do desemprego, apresenta exatamente essa em seu trabalho o espaço da família como um importante elemento de atenção por servir, em muitos casos, como local de acolhimento e suporte às dificuldades daqueles que se encontram desempregados ao mesmo tempo em que, em outros contextos, a família serve de espaço de reprodução da violência infligida junto a esses desempregados, realizando exigências sobre esse indivíduo que não mais são possíveis devido às mudanças que aconteceram na sua situação de trabalho.

E nosso atual contexto social tem se constituído de forma a exercer pressões nas quais a possibilidade de suporte para a constituição da identidade torna-se uma grande luta. Freitas, Heloani e Barreto (2008), ao discutir a questão do assédio moral, nos trás uma realidade social na qual o fomento à competição aliado a uma predominância do econômico sobre o social tem criado espaço para constantes ações de violência sobre o indivíduo. Ao descrever esse contexto, os autores dizem que

A perda de sentido, a perversão dos valores sociais, a comunicação ou as exigências paradoxais, a dissolução do coletivo, a transformação do ser humano em “coisa”, bem como a pressão imposta por uma competição sem limites, a ameaça permanente da exclusão e a perda de confiança generalizada são sintomas de uma economia que parece desenvolver-se à custa da sociedade (FREITAS, HELOANI, BARRETO, 2008 p. 9, grifo do autor).

Lipovetsky (2008), faz uma discussão sobre a idéia de decepção no que ele denomina como sociedade do hiperconsumo, no qual ele defende a idéia de que a experiência de decepção vivida pelas pessoas ocorre com mais intensidade na vida profissional e na vida afetiva. Para o autor,

Dadas a desregulamentação do mercado de trabalho e a precarização dos empregos, a esfera profissional está na origem de uma maré crescente de sentimentos de insegurança, de desorientação, de dúvidas sobre si. Mas a

nova ordem liberal não explica por si esses fenômenos de desencorajamento: a cultura consumista tem participação nisso (LIPOVETSKI, 2008 p. 168).

E nessa situação, o trabalho passa a ganhar ainda mais importância pois com

O enfraquecimento de outras instituições sociais, a relação do indivíduo com o emprego tornou-se praticamente a sua fonte principal de identidade social e pessoal, [...] e é no ambiente de trabalho que ele vivencia a concretude de alguns valores coletivos (FREITAS, HELOANI, BARRETO, 2008 p. 8)

Lipovetsky (2008 p. 169) ainda argumenta que de que essa situação promove um rompimento com as identidades e culturas de classe, transferindo toda a responsabilidade em termos de sucesso ou fracasso para o indivíduo, impactando diretamente na constituição da sua identidade social e pessoal, que passa a ser questionada, aumentando a sensação de inutilidade.

Em consequência, essa situação acaba por se refletir diretamente na vida familiar, ocorrendo um mesmo fenômeno de precarização da relação, só que no caso, conjugal. Para Lipovetsky (2008, p. 170),

Aumento de separações, espiral de divórcios, conflitos ligados à guarda dos filhos, dificuldades de comunicação: o processo de individualização é acompanhado por expectativas mais vivas na vida conjugal, ao mesmo tempo que por uma proliferação de conflitos e de decepções íntimas.[...] A explosão das depressões e das ansiedades, os sintomas de degradação da auto-estima assinalam a nova vulnerabilidade do indivíduo, inseparável da civilização e da felicidade.

Para poder lidar com essa situação, é necessário que o indivíduo possa ter a possibilidade de buscar referenciais que permitam enfrentar essa condição de enfraquecimento e precarização das relações sociais, decorrentes de um processo de redução das pessoas às práticas de consumo e restabelecer uma identidade que lhe permita manter seus projetos de vida.

Pensar na família como esse espaço é ter que pensar em uma possibilidade de a própria família conseguir encontrar espaço para que ela sirva de suporte como tal. Entender as estratégias adotadas pela família para acolher as mudanças, permitir a construção de uma identidade de cada indivíduo mais adaptada à situação, servindo de referência mais constante para a possibilidade de se construírem narrativas que permitam criar um eixo dentro de um contexto fugaz, de relações frágeis e precarizadas.

III. Pesquisa

Método

a) Hipótese

Esta pesquisa pretende estudar as conseqüências que as transformações sociais ocorridas nos últimos anos e que configuram, segundo os autores, um momento de rompimento histórico das tradições estabelecidas, de compressão do espaço e tempo e de dificuldade de se estabelecerem referenciais para a construção de identidades sociais e individuais, têm gerado nas relações de trabalho e das relações interpessoais, além de estudar o impacto que exerce sobre a esfera familiar. Assim, procuraremos também estudar como as famílias reorganizam sua dinâmica para se adaptar às essas exigências e servir, ou não, de espaço de suporte para a construção dessas identidades individuais e sociais.

Outras questões também poderão servir para orientar outros estudos ou dar subsídio para a prática dos profissionais que lidam com questões relacionadas ao trabalho e à família, tal como sobre a visão destas pessoas sobre as estas mudanças que ocorrem no mundo do trabalho, o modo como encaram a sua participação e responsabilidade nesta situação em que se encontram, como essas novas formas de trabalho são organizadas e incorporadas pelos indivíduos, como lidam com o contraste vivido entre um modelo de relação de trabalho passado na sua família origem e o modelo vivido e a forma como atualmente organizam sua família, as estratégias que essas pessoas adotam para lidar com as mudanças citadas, o modo de como as pessoas lidam em não corresponder as expectativas depositadas sobre elas e suas conseqüências na relações intersubjetivas .

Assim, pretendemos que esse estudo sirva para ajudar aos profissionais que trabalham nas áreas de cuidado à família ou com a organização do trabalho a pensar no papel deles e avaliar a interconexão dessas duas dimensões. Isso pode nos permitir pensar em qual o alcance que nossa atuação deve ter quando estiver em um consultório realizando uma sessão de terapia familiar ou se estamos realizando um trabalho de orientação de carreira.

b) Objetivo

A pesquisa foi baseada em entrevistas com casais e que tiveram como objetivo identificar de que forma as pessoas tem incorporado as mudanças ocorridas na esfera do trabalho e na esfera da família. Em consequência, pretendeu-se observar quais alternativas as pessoas estão buscando para lidar com as transformações e que impacto elas tem gerado na forma como cada indivíduo da família enxerga sua forma de atuar profissionalmente e seu papel dentro da família, exercendo impactos sobre sua identidade.

Esse estudo foi orientado pela trajetória profissional do homem e pelas mudanças às quais fora submetido em seu trabalho, principalmente uma situação na qual ele saiu de um vínculo formal de trabalho para uma situação de vínculo não formal. Desse modo, pretendemos discutir como essas mudanças exerceram influência sobre o papel de seu cônjuge na organização familiar como um todo, avaliado se elas impactaram a trajetória profissional das mulheres e observar as diferenças de percepção entre eles sobre os mesmos fenômenos e de que forma essas afetam sua vivência no cotidiano familiar.

Para atingir esse objetivo, escolhemos fazer uma pesquisa qualitativa. A escolha por uma pesquisa qualitativa foi alicerçada no argumento apontado por Bauer, Gaskell, Allum (2007, p. 32) de que “tal tipo de enfoque defende que é necessário compreender as interpretações que os atores sociais possuem do mundo, pois são estes que criam o comportamento que cria o próprio mundo social”.

Dessa forma, fizemos uso de entrevistas que permitam conhecer a realidade das pessoas que participaram da pesquisa, pois ela vai permitir obter “os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação”. (GASKELL, 2007 p. 65).

Desse modo, essa pesquisa não trilhou caminhos empíricos para a busca de leis gerais, mas sim se posicionou como um estudo que buscou explorar os relatos apresentados pelos sujeitos entrevistados e levantar hipóteses sobre a forma como estão incorporando as mudanças vividas e construindo seus projetos de vida. Assim, o estudo se pautou por uma análise dos conteúdos apresentados, nos quais se procurou identificar o enlace das idéias trazidas por nossos entrevistados para alcançar as diferentes verdades expressas.

c) Seleção dos entrevistados

Foram entrevistados dois casais em que ambos os cônjuges tem mais de 40 anos de idade e que houve uma clara situação de mudança na relação de trabalho da parte do homem, na qual este tenha transitado de uma forma de relação de trabalho estável para uma de maior instabilidade. A importância desse critério está no fato de que essas pessoas viveram de forma mais intensa essa transição, visto que à época em que se inseriram no mercado de trabalho (por volta do fim da década de 1980) foi quando a idéia de economias neoliberais mostram-se mais forte pelo declínio do modelo de Welfare State (HOBSBAWN, 2009; DUPAS, 1998) e as idéias de reengenharia começam a ganhar força, dando início a toda uma transformação nas concepções de trabalho (ALVES e ANTUNES, 2004).

Com relação ao grupo social, faremos um contraponto entre os impactos dessa transformação em uma família classificada, dentro dos padrões estabelecidos pelo do critério Brasil⁴, nas classes A1 e C. Como existem diferenças sobre a forma como os homens possuem seu papel validado dentro das famílias de acordo com sua condição sócio econômica (SARTI, 2009; ROMANELLI, 1986), será importante abordarmos essas duas classes, inclusive para conseguir identificar congruências e diferenças entre seus discursos.

Além disso, outra questão importante em relação ao tempo que se refere à inserção das mulheres no mundo do trabalho. Isso representou uma necessidade de se rever todo um padrão de vida familiar e dos papéis ocupados nessa família (SARTI, 2005; 2009). Assim, torna-se necessário avaliar as transformações dos dois pontos de vista, pois isso implica, também, para as mulheres, uma mudança na concepção de seu espaço e dos seus direitos.

Um terceiro critério a ser utilizado será o da formação escolar desses provedores. Uvaldo (2002), em sua dissertação de mestrado, discute essa questão da escolaridade em seu método de pesquisa, referente à orientação da carreira. Segundo a autora,

Este dado é fundamental na inserção no mercado de trabalho, gerando possibilidades e conflitos distintos, além disto, configura também uma diferença de classe social e que como bem pontua Silva (1996), e que possivelmente, implica em representações interiorizadas, modos de perceber

⁴ Critério desenvolvido pela ABEP (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa) que classifica famílias através do seu potencial de consumo, classificando do maior para o menor potencial. As classes são A1, A2, B1, B2, C, D e E.

e se relacionar com as profissões diferentes e que tenderão a orientar a aquisição de novas representações profissionais, bem como as estratégias diante das situações conflitivas como o desemprego (UVALDO, 2002 p. 74).

Seguindo essa indicação, espera-se que, ao se entrevistar os componentes de uma família, muito de sua forma de conceber a questão do trabalho e a influência desse aspecto na dinâmica familiar tenha uma ação direta na estruturação das relações, nas expectativas dirigidas ao outro e sobre os conflitos que possam existir. Assim, foi entrevistada uma família em que o homem possui formação em nível superior e uma família em que o homem possui formação em nível médio. No caso dessas famílias, ambas as mulheres não possuem formação completa em nível superior.

d) Procedimento

O modelo de entrevista utilizado foi o de entrevista semi-dirigida, ou seja, nos pautamos por um roteiro (ver APENDICE B) base para que os temas principais fossem abordados, contudo sem limitar o processo de construção das suas narrativas. Assim, pudemos identificar de que forma elas construam seu discurso e articulavam explicações com relação às situações vividas, aos problemas enfrentados e às soluções encontradas, permitindo ter acesso às divergências e congruências entre os discursos de cada um dos cônjuges.

Para atender aos objetivos dessa pesquisa, decidiu-se por se fazer entrevistas individuais, pois isso permitiu que tivéssemos acesso à dinâmica do casal de forma que a presença do outro não exercesse um efeito limitador, que dificultasse a expressão de uma opinião divergente que pudesse ser censurada. Isso facilitou nossa compreensão sobre como essas pessoas enxergam o mundo no qual estão inseridos e como pautam suas ações, na busca de atingir as expectativas que têm acerca de sua própria vida

As entrevistas foram gravadas para que se pudesse ter acesso ao conteúdo completo e fazer recortes das falas com as impressões tidas durante a conversa. Elas foram realizadas em separado e ocorreram em locais escolhidos pelos entrevistados. No caso, uma das entrevistas realizou-se na universidade onde o entrevistado trabalha como docente e as demais foram realizadas nas casas dos entrevistados.

Ao início de cada entrevista, fez-se novamente o esclarecimento dos objetivos da pesquisa e a formalização da participação dos entrevistados através da assinatura de um termo de consentimento, cujo modelo encontra-se anexo.

A análise da entrevista foi feita de forma a identificar, no discurso dos sujeitos, as diferenças existentes entre a forma que o homem e a mulher relatam as situações vividas, procurando perceber como cada um atribui significado sobre as situações pelas quais passaram e, a partir disso, avaliar como eles constroem sua visão sobre o papel do homem, da mulher, do trabalho e da família, as estratégias que utilizaram para lidar com as mudanças, o impacto delas em cada um e na forma com a família se organizou para lidar com as mudanças.

e) Dificuldades na pesquisa

O principal problema vivido durante a pesquisa foi o grande número de rejeições aos nossos pedidos de participação dos casais nas entrevistas. A todos era apresentada a informação de que a pesquisa seria feita através de entrevistas individuais e que o objetivo da entrevista era saber como a família lidou com as mudanças sofridas pelo homem na sua trajetória profissional, principalmente quando o homem passou para uma relação não formal de trabalho.

Tentou-se contato com uma clínica especializada em psicoterapia familiar, na qual verificou-se a possibilidade de se fazer entrevistas, mas sem sucesso. Além disso, outros 3 casais foram indicados e se fez um primeiro contato, os quais não foram continuados por não se ter mais retorno dos mesmos. Um dos casais chegou a oferecer que a conversa fosse por telefone mas, ao reforçar a necessidade de se gravar a entrevista e fazê-la pessoalmente, não houve mais retornos.

Em um dos casos de recusa, tínhamos uma situação em que o homem tinha 52 anos de idade, ocupou o cargo de diretor em uma empresa de uma grande empresa nacional e que, há 8 anos foi demitido e não conseguiu mais retornar ao mercado de trabalho formal. Nesse momento, a mulher passou a ocupar o papel de provedor principal da família. Ele passou por um período, após a demissão, de perda dos pais, o que o levou a ficar em depressão por 6 meses.

O contato que tivemos foi com a mulher, que deu retorno dizendo que ela teria condições de conversar sobre o assunto mas que para ele seria muito difícil, pois mesmo depois de tanto tempo ele ainda não assimilou bem essa situação. Essa situação acima descrita aconteceu há 8 anos, mas mesmo esse tempo não se mostrou suficiente para que o homem tivesse condições de se expor em uma entrevista que iria questioná-lo exatamente sobre o tema da mudança no trabalho.

Esse exemplo nos levou a refletir se não deveríamos ter optado por fazer entrevistas com homens e mulheres, mesmo sem serem casais que constituam uma família, para avaliar as diferenças de percepção. Essa solução nos ajudaria com relação à obtenção de um maior número de relatos sobre essa situação mas nos faria perder a possibilidade de observar as diferenças nos relatos do casal sobre uma mesma situação. Desse modo, manteve-se a decisão por fazer entrevistas com casais, mesmo que tenha gerado um número baixo de relatos.

IV.Os casais

1. Pedro e Paula

1.1 Pedro

a) Percurso Profissional e transição para trabalhar como autônomo

Pedro tem quarenta e cinco anos, é formado em Administração de Empresas na Unisinos e fez um curso de especialização em Finanças e um MBA em Negócios. Também fez mestrado em Administração de Recursos Humanos. Natural do Rio Grande do Sul, é casado com Paula há vinte e quatro anos e tem uma filha de 21.

Seus primeiros contatos com o mundo do trabalho se deram ainda na infância, quando ajudava sua família em um negócio próprio que tinham.

Eu começo com o negócio da família, os meus pais tinham, trabalhavam com comércio, restaurante. Eu lembro da minha infância lá com seis, sete anos já acompanhava o negócio deles, e isso se prolongou até os meus 18 anos quando aí então eu decidi que eu queria passar por uma organização.

Sua família tinha um restaurante em uma universidade, o que fazia com que tivessem um período sem procura por conta das férias (dezembro a março).

A gente trabalhava em restaurantes em universidade chegava dezembro parava e só tinha fevereiro pra voltar, e no Sul é março. Aí o meu pai abre um negócio na praia, então, pra compensar o período em que fecha a universidade em Porto Alegre a gente vai pra praia e abre um negócio lá.

Pedro chega a montar um negócio próprio antes de ir trabalhar em uma organização. Contudo, ele considera isso como um negócio da família e aponta que seu interesse por buscar uma posição em uma empresa está associado com questões relativas à estabilidade.

Acho que mais pela, pelos processos mais estruturados, a época talvez, pela estabilidade. Ter negócio próprio tem altos e baixos, eu percebia muito

desestruturado. E aí não havia, na família tinha forma deles tocarem o negócio, não havia interesse de fazer uma gestão. E aí então vendo, com 18 anos eu próprio montei o meu negócio, meu restaurante, mas aí um negócio de família, então, tanto eu os ajudava no negócio deles e eles no meu. Mas aí eu percebi que eu precisava passar por uma organização, senti que pra minha formação seria importante.

Além de falar da estabilidade, Pedro aponta a crença de que a entrada para a organização lhe daria um aprendizado considerado por ele mesmo importante.

Pedro também mostra uma forma de ruptura com a forma de organizar a vida de sua família. Ele vai trazer a idéia de que precisa de algo que seja mais estável, que permita estabelecer-se e se focar no longo prazo.

A minha família não faz economia, então eles vivem do hoje. Quando eu caso a minha esposa, eu digo 'Olha, eu não quero viver desse momento, eu quero ter uma reserva', e a gente se dá muito bem nisso, a gente compactua nisso, e a gente começa a construir uma reserva.

Sua carreira, após entrar na universidade, se deu toda em instituições financeiras de grande porte, locais que poderiam oferecer a Pedro a estrutura que desejava. Trabalhou primeiro no Banco A no período de 1984 a 1988 e, depois, foi trabalhar no Banco B, na cidade de Novo Hamburgo. Pedro fala desse período de 4 anos de uma forma muito rápida, apenas apontando o motivo que o levou a decidir sair.

Aí eu já ingresso na faculdade e começo a trabalhar em banco. Comecei a trabalhar no Banco A, em 84, fiquei até 88, percebi que já não tinham mais desafios na agência. Como foi uma época de muita transição econômica e os bancos passaram por um período muito difícil não tinha uma perspectiva no Banco A, aí eu comecei a buscar outras possibilidades até porque eu queria me desenvolver.

Pedro permaneceu por 6 anos em Novo Hamburgo, onde assumiu a gerência do Banco, até mudar-se para Porto Alegre, onde passou a ser responsável por toda a rede de agências do Banco. Não se deteve em descrever como foi o período em Porto Alegre,

passando direto para a descrição sobre como foram os trabalhos em São Paulo. Em 1995, Pedro recebeu convite para trabalhar em São Paulo como responsável pela área de operações da rede de agências do Banco. Essa experiência o levou a participar de um projeto na Holanda e nos Estados Unidos, projeto o qual foi responsável pela implantação no Brasil. Pedro relata sua trajetória de forma entusiástica, destacando as funções que foi acumulando e o crescimento obtido na organização.

Aquele projeto que eu participei no Banco em 97 ele chega ao Brasil em 98, final de 98, aí então eu sou convidado pra ir pra área que eles chamam de suporte a clientes, que é uma área que fica responsável pela implementação de sistemas, mais o suporte aos clientes pro Brasil. Agora eu sou responsável da área, crio a área, implemento a área no Brasil. E em 99, aí com o advento da compra do BancoA e a fusão dos Bancos, em 99 eu migro pra área comercial, uma área responsável pela estruturação de operações em moeda nacional em moeda estrangeira. Aí, dada a minha experiência em tecnologia, e mais com mercado local, mercado internacional, essa área é uma área que estrutura as operações das empresas no Brasil e no exterior. Bom, vou pra essa área na época da fusão, [BANCO] assume o BancoA e o gerente do BancoA era de produto, vende esse produto. O BANCO tinha uma concepção de estruturação de solução. Então eu começo, começo o trabalho numa indústria fazendo a gerência, superintendência dessa área e o treinamento das equipes do Real. Então eu fico na área de negócios até 2004, era superintendente responsável pela estruturação de operação dos 300 maiores conglomerados do Brasil, mais o líder de projeto na América Latina. 2004 eles me propõem que eu assuma a área de estratégia, pra fazer toda a estratégia de estruturação de serviços pra pessoa jurídica do Banco, então desde a Padaria do Joaquim até uma Volkswagen. Eu fico nessa área até 2005, aí eles me convidam pra ir pra, pra assumir cargo de executivo chefe desse segmento de negócio na Argentina, que era o escritório da América Latina.

Foi em 2005 que Pedro passou a trabalhar como autônomo. Pedro relata que foi uma escolha dele sair do Banco, mas as justificativas se misturam ao longo da entrevista. Num primeiro momento, Pedro fala de uma decisão consensada com a família de ficar em São Paulo e manter a vida que tinham construído.

Mas aí nesse período eu já vinha, dada a minha experiência com a gestão de pessoas e as próprias equipes eu percebi que eu tinha uma experiência prática muito grande, inclusive na orientação de carreira dos profissionais. Aí eu havia submetido o projeto na USP, tava no processo, a USP me chama, final de 2005. Eu mudo, no início de 2005 eu saí de um apartamento, nós decidimos ficar em São Paulo, depois de vários anos decidimos, eu saio do apartamento, comprei uma casa no início de 2005 e coloquei a casa em reforma. Aí ficou mais de um ano em reforma, final de 2005 eles entregam a casa e eu mudo. A USP dá o resultado de que eu havia selecionado pro mestrado e a minha filha termina o Ensino Médio e tá indo pra universidade. Já considerei com a minha esposa a possibilidade de então ir pra fora e abandonar todos os projetos pessoais ou ficar e abandonar o projeto da organização. A gente decidiu ficar, quando eu comuniquei pro Banco eles perceberam que, provavelmente, eu não queria dar continuidade na carreira haja visto que estaria responsável por toda área de negócio, implementação, suporte, no escritório regional. Bom, negocieei com eles a minha saída então, porque não era mais o meu propósito, e aí eu me dediquei então ao mestrado, e aí eu montei a consultoria e comecei o trabalho docente.

A partir desse relato, pode-se inferir que a necessidade de mudança causaria um impacto na vida familiar que não seria interessante para eles, pois exigiria um grande esforço de todos para que abram mão dos projetos que estão sendo realizados pela família como um todo. Seria exigir uma nova mudança cidade (país) e conseqüente adaptação a um novo contexto, a uma nova realidade fora do país.

Pedro relata que a família já passara por uma mudança do Rio Grande do Sul para São Paulo. Ele aponta como foi difícil fazer essa adaptação, principalmente por aquilo que tiveram que abrir mão, em especial para a sua esposa que deixou de trabalhar para se dedicar aos cuidados da família.

Bom, ela trabalha lá até a minha vinda pra São Paulo, quando a gente decide vir pra São Paulo, e aí quando a gente vem pra São Paulo a minha filha tem 6 anos, e aí ela decide então, como o lugar é estranho, a gente não tem nenhum familiar aqui, é um momento que minha filha vai pra escola, ela

decidiu se dedicar então a cuidar da família. E é um período que eu venho pra São Paulo e começo a viajar muito porque eu era responsável pelas agências no Brasil inteiro, então precisava me deslocar muito, passava muito tempo fora, e ela fica como, como alicerce da família. E assim, ela, claro, primeiro momento é muito difícil porque ela tinha uma independência, trabalhava direto com os donos da empresa e vir pra São Paulo pra ficar em casa, mudou completamente a rotina. E assim, ela consegue abdicar da carreira dela pra, pra ser essa sustentação da família. E deu muito certo, assim, é invejável, eu tenho uma admiração muito grande por ela, por ela ter tido essa coragem de fazer essa transição.

Num segundo momento da entrevista, Pedro destaca a questão da carreira como motivo de sua vinda a São Paulo, pautada no seu desenvolvimento profissional.

É, eu sabia bem o que eu estava buscando, eu sabia que pelo Banco os desafios tinham praticamente terminado. Eu tive um crescimento rápido, a minha equipe vinha crescendo muito rápido, então, a minha equipe era das equipes que mais crescia, os nossos resultados eram maiores. Eram tão significativos aqui no Brasil que eles chamaram inclusive pra eu falar com os profissionais do Banco no resto do mundo, então eu acabei, junto com outros quatro colegas de diferentes continentes, montando um programa de treinamento no qual a gente trabalhou mais de 300 executivos como Estados Unidos, na Europa, na América Latina.

Percebe-se uma mudança de meta, sendo que ingressar no mestrado na USP, como foco do investimento profissional lhe parece mais atrativo do que permanecer o Banco.

Tive vários convites. Inclusive quando eu decidi que eu sairia do Banco, coincidentemente alguns Bancos vieram conversar, outro Banco veio conversar comigo. Teve outra organização que era fornecedora do Banco também, mas eu decidi que eu ia fazer um investimento no mestrado, precisava de um tempo pra eu mesmo, saber como é que eu ia fazer esse meu trabalho, se efetivamente eu não, não desejaria voltar pra instituição financeira.

No seu discurso, Pedro se remete superficialmente à necessidade da família de não passar por nova migração, demonstrando um desejo de não abandonar projetos atuais, e não como tendo uma dificuldade em se adaptar em um novo país. Também não fica muito explícito se Pedro considerava esta oferta do Banco como um avanço ou retrocesso em sua carreira. Contudo, Pedro deixa claro que o a experiência da transição não foi uma vivência simples, relatando ser “*uma travessia no deserto significativa*”.

Ao pedir para que Pedro explicasse o que seria essa travessia, no deserto, a exposição das dificuldades vem cortada por uma nova ponderação sobre a certeza de sua decisão e seu desprendimento. Mesmo quando Pedro fala que a saída do Banco, o início dos estudos no Mestrado e a consultoria foram situações que lhe trouxeram dificuldades, não se expressa claramente Ele chega a apontar que não há uma rede de suporte que o auxilie nesse trabalho, mas ele traz a decisão de sair do Banco como algo a ser feito.

Então, primeiro, uma vez que eu me dedico no mestrado e estou entrando num segmento novo eu não tenho os contatos, eu não tenho a rede de relacionamentos, eu não tenho a linguagem, eu não tenho a abordagem, eu acho que sei como fazê-lo mais uma coisa é abordar a empresa como executivo do BANCO, outra coisa é o marketing. Então, pra mim foi muito tranquilo deixar o BANCO pra traz, então, eu gosto muito, tenho uma história, foi muito importante na minha formação, tenho excelentes lembranças, bons amigos, continuo visitando, mas eu sei que quando eu saí do BANCO, eu sabia que era, que eu não tinha mais como continuar. Então, foi muito simples, até mesmo a surpresa do vice-presidente e do executivo quando conversaram comigo essa, esse desprendimento todo. Mas eu precisava construir então, eu sabia que ia necessitar muito tempo e eu não tinha uma renda e aí, na decisão de sair do Banco, aí eu definitivamente saí do Banco, e a partir dali então eu tive que viver da minhas reservas.

Pedro apresenta na entrevista um destaque para o planejamento que fez para que essa mudança pudesse ocorrer uma forma tranquila. Contudo, Pedro reconhece que seu planejamento não foi cumprido da forma como pretendia.

E aí percebi que em algum momento eu sairia do Banco, no meu plano eu sairia do Banco entre 2006 e 2010, então nesse meio eu deveria sair. A primeira perspectiva era sair em 2010 quando eu já teria terminado o

mestrado, teria me consolidado como consultor, teria trabalhado, feito essa transição de uma forma mais planejada, poderia sair em 2010, mas poderia acontecer antes do que eu previa, então, coloquei entre 2006 e 2010 e as coisas realmente caminharam e eu saí em 2006.

Esta dificuldade financeira passa a afetar a família. E ele, na forma como descreve seu papel, coloca-se como o ponto de equilíbrio e ponderação, que deveria conduzir as coisas para uma solução.

O que eu procurava não tocar era o fundo de previdência que eu tenho, que era ainda herança do Banco no qual eu próprio fazia o investimento. Mas chegou o momento em que a gente chegou a cogitar ter que tirar esse recurso, e aí, é claro, que isso deixa todo mundo muito nervoso, né, muito ansioso. Minha esposa fica ansiosa, minha filha também, eu próprio, sendo que eu tenho um estilo mais calmo, então, eu ia contornando a situação. Mas chegou, chegou um momento em que a gente acreditou que mais 30 dias a gente teria que fazer o saque. Só que sacar significava perder 50% desse investimento.

E a saída que se apresenta num primeiro momento não é a via de trabalho com consultor, mas a docência como uma espécie de suporte para garantir uma certa renda, e passa a ser um caminho de carreira que não havia sido apresentado até o momento na entrevista.

Mas aí as coisas começaram a caminhar. Eu fiz um primeiro trabalho, comecei algumas aulas em universidades, trabalho claro, uma remuneração bem diferenciada. Aí comecei em outras universidades, começaram a me chamar principalmente pra cursos de MBA, especialização. Então, eu comecei a minha carreira como docente direto nos cursos de pós. Agora é que pra me efetivar como docente eu sei que eu preciso passar pela graduação, então, eu pedi pra pegar algumas turmas de graduação. Mas a minha carreira como docente se caracteriza em cursos de especialização em executivo, onde eu consigo ter um diálogo, interessante porque eu trago a experiência prática e uma fundamentação obtida na FEA em termos de teoria, e esse casamento tem dado muito certo.

Até apontar como esse trabalho como docente passou a ajudar a estruturar seu trabalho como consultor.

Bom, então eu chego com essa proposta começo a dar algumas aulas, fazer algumas palestras e sou chamado então pra fazer algumas intervenções em organização. E as coisas aí começam a decolar e aí a gente entra no que estamos hoje assim, muito trabalho, muito trabalho, e parece que está consolidando a carreira. Então eu diria que, setembro/outubro de 2008 em diante eu consegui ocupar um espaço, e aí já com a remuneração condizente com o meu tempo de BANCO.

Quando então Pedro é questionado sobre como foi fazer a mudança de uma situação em que ele demonstrava uma carreira consolidada para a possibilidade de trabalhar de forma autônoma, ele busca referendar novamente seu desejo por buscar situações que lhe tragam desafios. Inclusive trazendo uma informação que vai de encontro com as justificativas apresentadas para entrar numa organização.

Apesar de tá no Banco e teoricamente tá numa, ter uma estabilidade em termos de organização eu me coloco em situações de, pra áreas instáveis onde não, bom de não dá, não dá a continuidade de uma carreira de manutenção de área.

Ao falar da estruturação do novo negócio, Pedro apresenta novamente dificuldades, agora relacionadas com o suporte, com a busca de parceiros para essa empreitada e com a dificuldade em estabelecer parcerias. Apesar de convites feitos, do nome da sua empresa pretender a existência de associados, estes só aparecem no momento em que os resultados aparecem.

O que claro, que eu saio do Banco achando que as coisas vão ser mais tranquilas, que eu vou me inserir mais rapidamente no mercado, vou me posicionar como consultor, eu venho com uma perspectiva, dada a minha experiência, eu conversei com muitas consultorias, eu monto, convido alguns colegas então pra fazermos uma abordagem conjunta, eu formo uma empresa que chama Consultoria Associados, eu coloquei Associados porque eu convidei várias pessoas pra fazer uma abordagem. A gente tem um tempo

de maturação e a gente começa a construir, mas esse tempo de construção demanda, algumas pessoas acabam achando que isso não vai dar continuidade, saem, eu insisto, agora começou a dar resultado e eles começam a voltar. Então muitos deles eu acabo envolvendo em alguns outros projetos e, três anos depois, o que era aquela concepção inicial, está começando a se construir.

b) Família e Suporte Social

A família apareceu no discurso de Pedro quando foi pedido para ele falar da esposa e sua profissão. Ao falar da profissão da esposa, um fato que Pedro ressalta foi a escolha dela em deixar de trabalhar para cuidar da família em São Paulo, conforme está apresentado no trecho da entrevista em que falou-se dessa decisão.

Pedro traz, nesse momento, a situação que começou a se estabelecer com o crescimento da filha. A autonomia que a filha passou a adquirir chegou a levá-la a pensar em voltar a trabalhar, depois de tantos anos em São Paulo.

E aí a minha filha vai pro Ensino Médio, ela acha então que é o momento dela cuidar da família, a minha filha entra na universidade ela então começa a pensar a possibilidade de retornar. Só que aí já se passaram alguns anos, e aí São Paulo é muito grande, a avaliação que ela faz em termos de remuneração que as empresas oferecem é pouco pro deslocamento e tudo mais, então ela permanece, permanece então mais cuidando das coisas em casa e ela assume toda a gestão da casa, toda financeira, tudo está por conta dela.

E Pedro apresenta um arranjo que foi feito em que passou a consultoria passou a ser uma possibilidade de sua esposa em retomar uma profissão. Seu argumento se baseia já uma divisão de tarefas estabelecidas entre ele e a esposa.

Eu já nem sei quanto entra, quanto sai, ela que administra isso tudo, eu só faço o trabalho, como diz, eu sou apaixonado, e o restante ela faz a gestão. E a partir do ano passado então começo a ter um volume de trabalho, de

trabalho maior e aí eu preciso, preciso de apoio, então, ela é sócia da empresa, daí ela passa a administrar, fazer a administração da organização. Então, os contatos com as empresas pra agendamento, faturamento, controle de agenda, nem sei minha agenda, é ela que controla minha agenda toda.

Assim, quando se pergunta se ela assume todo o administrativo da consultoria, Pedro enfatiza sua função de outra forma.

Toda parte de gestão operacional da consultoria é com ela. Eu tenho muita parceria com outras consultorias, então algumas, no caso, eu tenho alguns trabalhos agora porque eu não consigo fazer sozinho eu chamo alguns consultores e eles vêm trabalhar comigo. Em alguns casos eles me chamam pra projetos deles, então, nesse caso a minha agenda e as agendas dos projetos em que eu participo, seja eu liderando eu como associado, ela que controla. E, ela controla tão bem que as outras consultorias acabam pedindo pra que ela faça a gestão da operação também.

Ao falar de como essa situação de saída do Banco para trabalhar de forma autônoma impactou na família, Pedro defende a idéia de que essa situação promoveu maior proximidade e criou maior confiança entre todos.

Foi interessante porque acabou construindo uma união muito maior na família, então, um sistema de apoio, de confiança, estamos juntos, em períodos bastante difíceis, mas é o que fortaleceu muito a, como família a nossa união. Então, a minha filha tem uma proximidade muito grande conosco, com a minha esposa, grande amiga da minha esposa, a minha esposa é uma grande amiga minha.

E Pedro aponta como as pessoas que convivem com ele, principalmente na igreja, avaliam o fato de eles continuarem juntos depois de tantas mudanças.

E as pessoas aqui viam e diziam 'Poxa, você está fora do mercado' sabiam que estava praticamente dedicado ao mestrado, eu não estava com muitos trabalhos, né, diziam 'Poxa, vocês estão sempre bem, o que que acontece

por trás disso.’ E aí alguns momentos a gente até, conversar com algumas pessoas, acabamos sendo convidados pra, nós somos católicos né, então, convidados pra participar de pastoral, de conversar com alguns profissionais, no meu caso eu acabei conversando muito com profissionais casados e falando um pouco dessa vivência em família, de viver isso no trabalho e acreditar e viver essa espiritualidade da família no trabalho, em todos os meios. Então foi um período bastante rico. A gente já, quer dizer, já participa de pastoral já há 20 anos, pastoral familiar desde, logo depois que a gente casou, mas esse período foi onde a gente percebeu a grande diferença de se viver em situação, numa situação de stress como essa mas, de conseguir construir uma unidade num momento em que pra muitos (cai alguma coisa), num momento em que pra muitos é talvez um período de maior dificuldade. A gente tava conversando e os meus colegas diziam, você passa por uma reforma, tá terminando a reforma da tua casa, né, sai do trabalho, vive uma mudança enorme dessa e o seu casamento resistir a uma reforma de uma casa, mudança de atividade, a minha orientadora dizia “Não é mudança Pedro, é transição” e eu insistia com ela dizendo “Transição é quando eu saio, né, e dou continuidade numa outra carreira”, eu fiz uma mudança significativa.

Quando questionado sobre o porquê, sob seu ponto de vista, eles conseguiram manter essa unidade mesmo frente às dificuldades, Pedro aponta a espiritualidade, respeito e amor como elementos que permitiram essa superação.

Olha, eu diria assim, a primeira coisa acho que é respeito, a gente tem um respeito um pelo outro muito grande. A gente educou a nossa filha nesse aspecto do respeito, achava que se “Poxa, vocês são, filha única e vocês são tão duros”, a gente mostra isso “Olha, respeito, fundamento, é alicerce pra relação.” Esse respeito que eu tenho pela minha esposa, ela por mim, nós pela nossa filha, ela por nós, acho que foi relevante. E outra, espiritualidade, a gente, a gente acreditar na relação que a gente tava, acreditar um no outro e saber que nesse momento era importante um dá a mão pro outro, quando um tava mais pra baixo o outro ia lá e apoiava. Talvez isso, acho que é respeito, espiritualidade, amor, também tem, eu amo a minha esposa muito, tenho aprendido a amar, e o contrário, às vezes falo e pra mim parece estranho mas na medida em que eu, quanto mais eu a

conheço mais eu a admiro e mais tenho amor eu por ela, e acho que é recíproco. E a mesma forma a minha filha, claro que ela passa pela posição de adolescente como nós passamos, momentos até difíceis da adolescência e hoje ela fala assim “Poxa, eu olho pra vocês e é a família que eu quero”, isso é gratificante. Mesmo na atividade assim, pessoas que vão, que são agnósticas, ateus, e aí, tipo, eu trabalho com vários deles e eles falam “Poxa, a gente...”, claro têm outras crenças, ou não têm crenças, “a gente vê a forma como você conduziu, você passou por essa, por essa transição difícil e como é que vocês se mantiveram em pé”, e acaba até pedindo pra falar um pouco mais, eu vou em alguns lugares pra falar sobre isso, e falo pra eles, a gente acaba discutindo. Mas mostrando isso, eu acho que o que é isso, acho que é amor, respeito, e assim a gente acredita, acredita nisso. Talvez acho que esse tripé sustentou, sustentou a relação e fortaleceu, a gente sai muito mais fortalecido disso, e a gente percebe isso no percurso. Nós nos fortalecemos como família nesse período, e um período que era propício pra ruptura, muito grande.

Pedro retoma nesse momento as dificuldades que enfrentaram, agora não na atual etapa de transição, mas quando vieram para São Paulo. Ao mesmo tempo em que apresenta essa dificuldade ele procura ressaltar a força da esposa em fazer as escolhas que fez. Mesmo quando procurou ajuda de um psicólogo, ressalta-se a força dela em decidir por si que era suficiente e que não precisaria mais desse suporte. Outro ponto destacado foi a falta do suporte social, que dificultou a adaptação a São Paulo.

Os dois primeiros anos em São Paulo acho que talvez foi um dos piores momentos de transição, acho que só comparado agora a esses últimos três anos mas que não foram tão graves. Mas ela abandonar a carreira dela foi, e vir pra um lugar estranho sem apoio de ninguém foi difícil. Eu viajando, então pra mim, eu tava no meu trabalho conhecia as pessoas, estava viajando estava na minha atividade, minha filha na escola tinha a atividade dela e aí acabou restando pra ela tomar conta de ficar em casa sozinha. Então, os dois primeiros anos foi muito difícil. A gente acabou buscando, de novo, desenvolver mais a comunidade, pensar alguns trabalhos, buscar, retomar, todo aquele processo que a gente tinha de participação em pastorais, que a gente aqui tinha abandonado, que não conhecia, e a gente começa a construir de novo. Ela fez um trabalho pessoal grande, ela teve

acompanhamento inclusive numa época, que ela mesma procurou um psicólogo pra trabalhar essas questões, ela tava num período bastante difícil. E ela vai, trabalha, depois ela própria, assim como ela procurou ela falou depois de um determinado tempo dizendo “Olha, já é suficiente, já entendi o que eu tenho que fazer, obrigado” e ela própria se deu por encerrado o processo dela. Então admiro ela por isso, acho que foi um, talvez semelhante ao meu agora, uma travessia difícil. Eu estava do lado dela, a minha filha também, mas pra ela era bastante difícil.

E Pedro apresenta uma explicação com relação a levar sua família a passar por uma outra mudança, apoiado na necessidade de que precisava sair do Banco de dar outro rumo para sua carreira.

Então, foi muito difícil pra ela naquela época e agora foi diferente, ela já tava aqui em São Paulo, mas depois de viver essa, depois de ter uma carreira, de ter aquela estabilidade de remuneração legal, assim, excelente remuneração no Banco, eu tinha, meus bônus eram muito altos, e aí abdicar disso tudo pra uma nova carreira. Mas eu não queria mais ficar no Banco, se eu ficasse eu estaria indo contra aquilo que eu acreditava, não tinha mais desafio, não era o que eu queria pra minha carreira até porque isso ia comprometer o projeto que eu tenho de mais longo prazo, então eu sabia que eu precisava fazer essa transição pra poder construir o que eu quero como missão lá na frente. Então, o Banco teve uma contribuição significativa, e foi importante, mas terminou a contribuição, não tinha mais o que contribuir, contribuição eu ia obter com um outro tipo de trabalho que é o que eu estou fazendo agora.

1.2 Paula

a) Percurso Profissional e Família

Paula é formada em Técnico em Contabilidade, tem 42 anos e está casada com Pedro há 24 anos. É do Rio Grande do Sul e começou a trabalhar aos 14 anos no escritório de uma empresa. Ao ser questionada sobre o porquê de começar a trabalhar aos 14 anos, ela remonta à origem humilde de sua família e a uma condição social, talvez cultural expresso através de uma tradição.

Nós somos de uma família bastante simples, humilde e por isso é muito comum a gente trabalhar cedo para ter um dinheirinho para comprarmos o que a gente quer. Na minha cidade é bem comum, pois é uma cidade pequena e é meio que tradição isso. Lá se estuda o colegial são poucas as pessoas que tem os costumes para ir para uma faculdade, mas agora que esta melhorando.

Ambos os pais trabalhavam. Enquanto o pai trabalhava numa empresa de ônibus como motorista, a mãe trabalhava em uma indústria, depois de já ter trabalhado como babá. Contudo, sua mãe também tomou a decisão de parar de trabalhar. O motivo dessa decisão não é trazido por Paula na entrevista, só reforçando que ela passou a cuidar da casa.

Aos 19 anos, começou a trabalhar em um curtume na cidade, onde ela consolidou seu aprendizado na área de contabilidade. Inclusive aponta como o fato de ser uma empresa familiar, em uma cidade do interior, possibilitou ela assumir funções mesmo sem uma maior formação acadêmica.

Depois quando eu tinha dezenove anos eu fui trabalhar na área de curtume, área de couro para calçados e fui trabalhar na contabilidade aonde me especializei muito nesse ramo.(...). Eu comecei com dezenove anos e comecei como assistente e depois assumi a área de contabilidade. Como eu trabalhava em empresas menores e familiares então eu assumia essa área mesmo não tendo uma formação acadêmica. Com a prática no dia-dia você

acaba assumindo uma função e na última empresa que eu trabalhei e foram cinco anos, fazia a parte contábil/fiscal e financeira da empresa. Como os donos eram um casal de idosos a empresa tinha por volta de cem funcionários e eu atendia toda essa parte sozinha. Isso tudo por causa da prática e da experiência eu estava conhecendo a empresa num todo.

Ao falar de seus planos na época, Paula faz um contraponto entre seus interesses e do marido, aos quais qualifica como mais ambiciosos. Para ela, trabalhar com outras pessoas em um local onde não houvesse uma hierarquia muito grande já atendia aos seus anseios.

Eu sempre gostei muito da parte administrativa e de contabilidade. Eu me sentia muito satisfeita com aquilo ali, pois eu não era igual ao meu marido que tinha uma grande ambição. Ele queria trabalhar em uma empresa grande e ter um cargo de diretoria já eu não. Eu gostava muito do que eu fazia e fui crescendo naquela área, mas gostava de trabalhar em empresas menores. Eu não gostava de trabalhar sozinha e sim ter assistentes. Eu tinha dificuldade de delegar algumas tarefas, pois gostava de começar e terminar uma tarefa. Só eu era responsável por aquilo ali e qualquer dúvida eu iria falar diretamente com o dono da empresa. Eu não gostava de passar por gerente ou chefe e não me sinto a vontade com uma hierarquia muito grande.

Inclusive mostra que seus pais queriam que ela se formasse em alguma profissão de nível superior. Contudo, há uma escolha dela de interromper os estudos para se casar.

Meu pai queria que eu fosse advogada e fizesse direito que era o sonho dele e eu comecei a faculdade de matemática e depois parei também para casar. Minha mãe queria que eu estudasse, mas não fez pressão nenhuma. Mas meu pai queria que um filho dele tivesse feito direito.

Paula parou de exercer sua profissão com a vinda para São Paulo, decorrência da transferência de Pedro. Ao justificar sua escolha em não trabalhar, ela a traz como uma necessidade da família, algo que serviria ao bem de todos.

No início nem tinha condições porque nós tínhamos uma filha de seis anos quando nós viemos para cá e o meu marido assumiu uma área que era Brasil então ele viajava muito. Eu tive todo um tempo de adaptação nós começamos morando em um hotel depois em um flat até conseguir um apartamento. Naquele momento achamos que era melhor eu cuidar da nossa filha enfim foi uma decisão que era melhor para a família.

Ir para um lugar desconhecido em que não se tinha em quem confiar, foi outro motivo apontado. Ao explicar como foi abrir mão de sua profissão, Paula relata com pesar ter que abrir mão de amigos mas deixa claro a escolha que faz pela carreira do marido.

Eu tive que pensar bastante, mas eu acho que eu levei muito em conta que ele tinha uma profissão muito maior do que a minha. Para o meu marido era muito mais importante e fundamental na carreira dele então eu tive que olhar para o outro. Eu gostava muito do que eu fazia da empresa que eu trabalhava e os donos eram meus melhores amigos e tínhamos um relacionamento muito grande. Trabalhar nessa empresa era algo que eu gostava de fazer e por mim eu faria aquilo pelo resto da minha vida, Mas meu marido precisava disso, ele tinha a intenção de buscar uma carreira e isso era importante. Eu optei pela carreira dele e com isso ele deu um salto na carreira. Então são escolhas.

Paula deixa claro que fez uma escolha pessoal: investir na carreira do marido. Isso passa a orientar suas ações para ajudá-lo a crescer, oferecendo suporte ao marido. Contudo, essa não foi uma decisão de impactos simples. Paula relata como foi sofrida a adaptação a um novo lugar, sem as referências às quais já estava acostumada.

Nos primeiros cinco anos eu pensei que eu não fosse me adaptar e era pesado pelo fato de não ter família perto e não trabalhar. A rotina no dia-dia é mudada e você começa do zero um novo relacionamento em tudo. Eu demorei bastante e tive que procurar um psicólogo para ter um acompanhamento, mas depois fui me superando. Eu procurei uma comunidade para fazer amizade, isso no início dá uma insegurança, pois você não confia em ninguém para trazer para sua casa. São medos que e receios que passam pela gente e nesses cinco anos eu fiquei com a mala

pronta querendo voltar a todo o momento, pois eu tinha uma expectativa de ficar um tempo e depois retornar. Só que as coisas foram mudando e meu marido foi assumindo outras responsabilidades e outros cargos então eu via que estava cada vez mais distante. Então eu percebi que nós tínhamos que constituir uma vida aqui e assim começou a aceitação que era aqui que eu iria morar.

Não ter família e não trabalhar. Dois aspectos apontados por Paula como mais importantes na sua adaptação a São Paulo. As alternativas procuradas para ajudar a superar essas etapas passam pela busca de um suporte tanto profissional (psicólogo) quanto de um grupo de apoio (comunidade, no caso comunidade católica como será apresentado à frente). A aceitação por ficar em São Paulo e continuar a investir na sua escolha, ou seja, a carreira do marido, se deu quando as promoções por ele obtidas iam deixando claro que seu desejo de voltar se tornava cada vez mais difícil.

Paula, contudo, vê como importante a escolha que fez pela família, principalmente por conta da sua filha que adoecia por conta da ausência do pai.

O que muda é o seu dia-dia e a sua rotina. Você se sente mais produtiva por mais que em casa você tem as suas responsabilidades. Parece que quando a gente trabalha fora nós perdemos uma ocupação que é vista pelos outros. Mas para nossa família essa escolha foi fundamental e com a ausência do meu marido a nossa filha antes adoecia com frequência. Isso acontecia, pois ela tinha dificuldade em se adaptar e isso com o tempo foi melhorando. Naquele momento eu tive que abrir mão disso e você sente e com o tempo você vai meio que se adaptando.

b) Transição para trabalho autônomo

A saída de Pedro do Banco para iniciar seu trabalho de forma autônoma, apesar do planejamento realizado pelo casal, tem, na percepção de Paula, certa precipitação.

Ele achava que no período de dois anos ele já iria acabar o mestrado e que esses efeitos já iriam surgir. Foi ansiedade dele, pois ele nunca tinha visto

uma universidade e partir para consultoria tem um prazo. Ele achou que em dois anos as coisas iriam mudar e demorou um pouco mais. Demorou um ano a mais e tivemos que vender um carro para complementar essa renda, pois ele terminou o mestrado com quase três anos.

Essa situação levou-a inclusive a questionar sobre a viabilidade em se conseguir continuar o projeto. A incerteza sobre conseguir manter um padrão de vida já conquistado.

No inicio do primeiro ano e meio foi tranquilo, pois não tínhamos tanta preocupação com o salário era só controlar. Chegou um momento no ano passado que a gente ficou preocupada com a situação por mais que nós nos reorganizamos e diminuimos as despesas em fim, mas temos um padrão que muitas pessoas não conseguem mexer. Quando viemos para essa casa nos gera uma despesa que temos de manter e o ano passado que ele estava começando a entrar no trabalho novamente a gente não tinha aquela renda que era o mínimo que precisávamos para nos manter e isso nós dá um pouco de stress no momento. Depois pensamos e agora vai valer à pena e vai da certo. Será que ele vai abrir mão do mestrado para recomeçar, pois é difícil dar novamente essa grenada.

Mas esse era um projeto de vida não só de Pedro mas também de Paula, já que ela havia feito a escolha pela profissão do marido. E sua postura frente a essa situação foi colocar-se no apoio. Além disso, Paula aponta uma clara divisão de papéis estabelecida.

Eu cuido da porta para dentro da casa e ele cuida da parte para fora e não se envolve aqui no dia-dia. Tivemos que tomar algumas atitudes eu tinha um carro e vendi e tivemos que abrir mão de algumas coisas para passar essa fase. Ele tinha a intenção de mudar de carreira então tivemos que passar por isso e era algo que ele queria muito. Foram três anos que nós sabíamos que tínhamos que enfrentar para ele sair do Banco era importante ele fazer outra coisa. Se tivéssemos que abrir mão da casa a gente iria fazer isso não iramos interromper esse processo dele. É o futuro, é um caminho.

Contudo, essa transição de Pedro para uma atividade autônoma pôde oferecer a Paula um novo lugar como profissional. A partir do momento em que a consultoria passou a

apresentar um maior volume de trabalho, Paula passa a ajudar a cuidar da administração desse negócio para que Pedro tivesse tempo para se dedicar ao seu próprio trabalho.

Nesse ano que ele começou a ter projetos de consultoria, ele começou a precisar de ajuda, pois ele passa muito tempo fora. Então ele precisa de ajuda para reorganizar a agenda, as reuniões e tomar conta da parte administrativa da empresa. Por isso eu comecei a trabalhar com ele enfim precisava deixar ele mais livre para fazer as reuniões e desenvolver o trabalho dele.

Isso passa a ter um aspecto positivo para Paula, sob seu ponto de vista, já que pode agora ter uma atividade profissional que possa ser conciliada com a sua atividade doméstica.

Acho que para mim esta até melhor porque eu estou ajudando ele e porque estou trabalhando em casa. Para mim trabalhar em casa está sendo muito bom e isso não atrapalhou na minha rotina, pois eu vou fazendo conforme o dia-dia. Esta sendo bom retomar agora com ele e esta sendo igual a o funcionamento da casa. Ele é bem tranqüilo em relação a isso aquilo que eu cuido é minha responsabilidade e o que ele cuida é responsabilidade dele. Cada um cuida da sua parte.

c) Suporte social

Paula é católica, realiza atividades na igreja e vê nesse lugar seu ponto de apoio para momentos de maior dificuldade em São Paulo. Como já destacado acima, foi um lugar de referência que ela e Pedro foram buscar como forma de suprir a carência de amigos e pessoas que lhe dessem suporte.

Eles já freqüentavam uma comunidade católica enquanto moravam no sul, e foi o local onde ela procurou se refugiar frente à insegurança de morar em São Paulo.

Lá no sul, nós participávamos muito da igreja e de encontro de casais já aqui em São Paulo, nós só íamos à missa no domingo. A gente sentia essa falta de criar esses grupos então resolvemos procurar e acabamos encontrando. Nós encontramos e foi aonde eu me senti segura para fazermos novas amizades. Aquele grupo então freqüentava a nossa casa e

foi muito bom, pois assim abrimos um leque de amizade. Passamos a ter mais atividades nos finais de semana, pois antes não tínhamos, só saímos nós três sempre juntos e isso foi mudando.

Paula aponta como essas pessoas tiveram um papel importante não só como pessoas para fazer atividades no fim de semana Paula, mas para servir de suporte para enfrentar as dificuldades que tiveram aqui em São Paulo. Paula traz o aconchego de família como elemento importante desse relacionamento com o grupo da igreja.

Foi muito importante, pois isso nós dá um apoio até quando você precisa conversar com alguém e sente dificuldade de expor a sua vida. No dia-dia isso ajuda muito e nos dá um conforto, pois não tínhamos família aqui perto. Dá aquele aconchego de família.

1.3 Analise

Um destaque a ser dado é a diferença na forma de apresentar a situação, principalmente no que se refere à expressão de sentimentos, dificuldades e problemas vividos. Apesar de nas duas entrevistas ambos relatarem os mesmos momentos críticos (vinda para São Paulo e saída do Banco), o discurso de Pedro traz muito mais elementos relativos ao sucesso, à superação, à exaltação dos bons resultados, da força, do que o discurso de Ana, que vem mais permeado de emoções e sensações vividas perante essas dificuldades.

A escolha de vir para São Paulo também foi relatada de forma diferente pelos dois, apesar dos relatos coincidirem no sentido de que foi uma experiência difícil para a família. A vinda para São Paulo gerou uma reorganização na família com o objetivo de acomodar a escolha de carreira de Pedro. Nesse ponto que se encontra a primeira diferença, que inclusive impacta na forma como os relatos foram apresentados. Para Pedro, foi uma escolha de carreira que manteve a relação com seu ambiente de trabalho, um referencial conhecido, apesar de ter aberto mão do local onde vivia. Para Paula, essa escolha significou abrir mão da profissão e do local onde vivia, perdendo seus referenciais e passou a apoiar a carreira de Pedro como se fosse sua.

Ao Pedro relatar essa situação, ele demonstra reconhecer as dificuldades enfrentadas pela esposa. Mas seu relato procura ressaltar a força que ela teve, por exemplo, ao procurar a ajuda de um psicólogo e também de determinar o fim dessa ajuda. É um relato que deixa pouco espaço para a exposição dos sentimentos, dando maior destaque para um resultado considerado positivo. Paula, ao relatar a mesma situação, permite que os sentimentos apareçam e não se apresenta da forma como Pedro fez. Ela permite apresentar a condição de fragilidade em que se encontrou, com as malas sempre prontas para voltar à sua cidade de origem e que, ao observar que a carreira do marido encaminhava-se para manter-se em São Paulo, passou a aceitar melhor essa idéia.

Outro exemplo de divergência aparece com relação à situação da filha. Pedro relata a escolha por Paula cuidar da família como algo que permitiu manter-se como o alicerce da casa. Pedro relata a importância disso por conta de suas viagens, mas não traz o quanto adoentada a filha ficou, segundo Paula, por conta dessa situação de afastamento do pai.

Ao se comparar a diferença no discurso, é interessante notar como o discurso de Pedro, além de ser mais defendido, mostra-se muito mais alinhado com um discurso de performance semelhante ao do mundo do trabalho. Destaca-se o resultado, a força, não se fala das dificuldades, dos problemas. O outro passa a ser visto ou excluído por seus resultados. Assim, a saída do banco e o início do trabalho como autônomo não é descrito por Pedro como um ato de ansiedade, como Paula o descreve.

Outro aspecto que vai passar por essa mesma discussão é o suporte do grupo. Quando Pedro traz a necessidade de se buscar uma comunidade (católica) em São Paulo, ele apresenta essa informação como uma necessidade da esposa, pelo fato dela estar num lugar novo, sozinha enquanto o marido viajava à trabalho. Assim como Paula, que mostra o quanto importante foi encontrar uma comunidade na qual pudesse confiar nas pessoas e ter mais opções, inclusive de diversão. Apesar de se falar de espiritualidade no discurso de Pedro, o aspecto que mais é destacado é a função da igreja enquanto espaço de inclusão social e afetiva.

É nesse espaço que encontram pessoas de confiança com a qual podem estabelecer novos vínculos e ter o acolhimento para os problemas como uma família o faz, conforme relato de Paula. É interessante observar como foi necessário referendar-se por um local que lhes remete a uma sensação de segurança (a igreja) para conseguir estabelecer amizades. Fora dali, para eles o mundo não se mostrava tão confiável, não se podia ter certeza da intenção das pessoas.

Contudo, tanto Pedro quanto Paula não trazem como grupo de suporte os ex-colegas de trabalho de Pedro, as pessoas do meio financeiro que poderiam trabalhar em conjunto ou dar algum tipo de suporte para essa iniciativa de Pedro. Ao contrário, Pedro destaca o espanto de seus chefes pelo desprendimento ao sair do banco, procurando ressaltar a sua própria força na sua decisão. Pedro traz também uma informação importante sobre a consultoria que criou: as pessoas só começaram a aparecer quando o projeto já estava encaminhado. Ele colocou o nome Associados em sua consultoria mas não tinha a quem se associar, pois as pessoas passavam pela consultoria mas não integravam-se realmente ao projeto.

Ainda assim, o discurso de Pedro vem no sentido de ressaltar as vitórias pessoais, como por exemplo, conseguir dar continuidade à consultoria, ser referência nos encontros de casais da igreja, enfim, posicionar-se como alguém que venceu. Esse é um padrão de discurso que não está presente na forma de falar de Paula. Ela já apresenta esses grupos de suporte como locais onde se consegue apoio para conversar sobre as dificuldades. Paula apresenta o aconchego de família como uma referência para esse caso.

A saída do banco para um trabalho mais autônomo também é apresentada de forma diferente por ambos. A transição, apresentada por Pedro como um processo planejado, pensado, motivado pela falta de desafios no banco, é apresentado por Paula também como uma ação planejada, mas permeada por uma ação ansiosa de Pedro, que levou a desgastes que teriam possibilidade de serem evitados.

Um dado importante a ser destacado foi a necessidade de Pedro de buscar um primeiro trabalho como professor universitário para viabilizar seu projeto da consultoria. De alguma forma, Pedro precisou contar com uma referência mais estável, que permitisse manter a família, já que suas economias estavam no fim e não conseguia ter o retorno esperado da consultoria. Nesse momento, ele conseguiu meios de construir um suporte social através da identidade de professor universitário, que lhe facilitou inclusive o contato com profissionais que o contratariam para realizar trabalhos.

A partir dos relatos apresentados, vemos como a carreira era o principal objetivo de Pedro e como a família o acompanhou nesse sonho. Pedro se mostra uma pessoa adaptada ao nosso atual contexto, em termos profissionais, pelos avanços que conseguiu obter, pela forma como conseguiu atingir os objetivos que estabeleceu para si.

A questão que se apresenta é o custo em termos pessoais para que seus objetivos profissionais fossem alcançados. Se a família não tivesse se reorganizado da forma que fez, qual a possibilidade desses planos (carreira de Pedro e manutenção da família) serem

sustentáveis? De que forma o desgaste emocional dessas situações mudança, transição, pode impactar na qualidade das relações interpessoais?

2. Carlos e Patrícia

2.1 Carlos

a) Percurso Profissional

Carlos tem 42 anos de idade, sua profissão é gráfico, trabalhando com automação gráfica. Viveu no Paraná, Minas Gerais e mora em São Paulo desde 1976. Tem onze irmãos, seu pai trabalhou como sapateiro, como vendedor de bilhetes de loteria e sua mãe trabalhava em casa, realizando os cuidados da família. Casado há sete anos, esse é seu segundo casamento. É católico praticante, ativo nas atividades da igreja com sua esposa. Desde dezembro de 2008, começou a trabalhar por conta própria, pois a empresa em que trabalhava fechou.

Começou a trabalhar aos 16 anos, chegou a cursar um ano de faculdade, fazendo o curso de Administração de Empresas mas não deu continuidade.

Eu comecei a trabalhar com dezesseis anos na área gráfica mesmo e dois anos depois fui para um banco, para trabalhar com artes gráficas. Na época que eu estava fazendo faculdade eu quis sair para mudar de área e fiquei um ano parado e não deu certo. Eu voltei a trabalhar em uma agência de propaganda na área gráfica e fiquei dois anos nessa agência e continuei nessa área até hoje. Através de amigos eu trabalhava em outros lugares e teve uma época que eu tinha três empregos. Já no final eu fiquei no último emprego por quinze anos. Eu saí agora em dezembro, pois a empresa fechou.

Ao ser questionado sobre sua trajetória profissional, Carlos faz um breve relato, sem trazer maiores detalhes sobre os locais que passou e coisas que aprendeu. O único detalhamento maior que trouxe foi o fato ter começado a trabalhar em atividades que iam além da parte técnica da gráfica, passando a lidar mais com questões administrativas.

No banco eu iniciei como aprendiz em artes gráficas, depois virei ajudante, impressor e oficial. Sempre neste segmento e nas gráficas eu tomava conta de tudo. Nessa última gráfica que trabalhei, estava também na parte de atendimento ao cliente, desenvolvimento, manutenção dos computadores e parte de impressão.

À época da entrevista, havia nove meses que Carlos trabalhava como autônomo e essa vivência pareceu ainda estar incomodando, pois suas respostas também foram rápidas e diretas. Ao perguntar como foi a decisão de iniciar um negócio próprio, Carlos traz a situação como se fosse uma consequência direta, sem muitas alternativas.

Eu nem tomei a decisão, mas ela surgiu, porque saí de lá, que fiquei quinze anos trabalhando no local e o local já não era grande. Voltar para o mercado, voltar para uma gráfica grande eu não consigo por causa da idade e por estar fora do mercado. Se passar um ano ou seis meses você já está fora do mercado e as formas de trabalhar se modernizam. Essas pessoas eles não pegam. Salário, eu não conseguia arrumar nada com o mesmo patamar. Gráfica pequena eu dificilmente conseguiria por conta da idade e eles pegariam só garotos, pra ganhar pouquinho. Então foi uma opção, foi praticamente me empurrando para isso. Falei ‘dentro do que eu sei fazer, o que eu posso continuar fazendo’, dentro do que eu tinha de cliente, de contato, de conhecimento. O que eu posso fazer em casa, de início, até chegar o ponto de abrir uma porta para a rua. Em casa, eu vou conseguir ter um ganho melhor do que estar numa empresa assim. Vou ter a flexibilidade de expandir o que eu sei fazer.

O argumento do mercado se mostra bem forte na justificativa de Carlos em tentar trabalhar de forma autônoma. Tanto um “mercado” que não dá mais espaço para uma pessoa na idade de Carlos e com a experiência que ele possui (que já está desatualizada). Além disso, a questão salarial posiciona-se como forte impeditivo para que ele volte a trabalhar em outra gráfica. Ele se vê como um funcionário caro, que as gráficas não teriam interesse em contratar já que elas podem ter alguém mais jovem, por um valor menor em termos salariais.

Ao pedir para que ele avaliasse o que teria de bom ou de ruim estar nessa condição de autônomo, o argumento da flexibilidade novamente aparece como ponto positivo, aliado à insegurança de não ter uma renda fixa, como um ponto negativo.

De vantagem eu vejo que eu tenho liberdade, flexibilidade nos horários e flexibilidade na forma de trabalhar sem ninguém para falar que você tem que fazer assim, ou seja, eu decido como fazer, na hora de fazer e se convém fazer. A principal desvantagem é não ter a remuneração mensal. Tendo trabalho ou não tendo trabalho, eu tinha remuneração. Agora não, se eu não fizer nada eu não vou ter nada. Hoje eu tenho um cliente, amanhã eu não tenho. Sempre eu tenho que estar correndo atrás de cliente. Eu tenho a vantagem dessa liberdade, da flexibilidade, mas eu não a desvantagem de não ter nada fixo.

Frente a essa mudança, Carlos passou a ser exigido em coisas que não estava habituado a lidar. Isso gera certo nível de preocupação em Carlos, e o faz buscar diferentes formas de fazer seu trabalho ser conhecido.

Eu sento e tento acalmar e centrar a cabeça. Eu penso assim: eu não vou ter nada hoje, mais amanhã eu vou ter. Eu tento pensar positivo se hoje eu vou ter um cliente, amanhã quero ter dois e assim por diante. Eu tenho que procurar modos de divulgação e cada dia pesquisar uma novidade; sem isso não adianta entrar nesse mercado, pois ele é bem concorrido. Dez pessoas fazem a mesma coisa e eu tenho que fazer algo que é diferente nesse meio se não eu não consigo. Também preciso trabalhar em cima dos preços para poder me manter e assim tentar aumentar os clientes.

Mais uma vez, a idéia do mercado se apresenta com força, como algo difícil com que se tem que lidar para que se consiga alcançar o que deseja. Trazer novidades, ser diferenciado, reduzir custos para conseguir fazer com que seus preços sejam aceitos pelos clientes. Mas Carlos relata que, por ser uma necessidade, a decisão por ir trabalhar de forma autônoma foi tranqüila. A idéia de ficar parado se mostra mais aversiva.

Foi tranqüilo, pois eu fui levado a isso. Eu coloquei na balança ou faço isso ou eu ficaria parado esperando uma oportunidade. Então nesse meio tempo eu resolvi tomar uma decisão e não ficar parado esperando, pois o tempo passa. Nesse meio tempo eu resolvi tomar uma decisão para voltar a caminhar. Se nesse meio tempo aparecer uma proposta boa eu estou aberto

a isso, mas ficar parado esperando não dá, pois assim vai passando o tempo e você não sente. Foi algo tranquilo.

Carlos também apresenta suas perspectivas futuras com esse novo negócio. Mais uma vez, o mercado se apresenta como uma dificuldade, por conta da escassez de procura. Contudo, a idéia de voltar a trabalhar em outro lugar com carteira assinada ainda se faz presente.

Por enquanto meu planejamento é continuar como autônomo, pois eu vejo que está surtindo mais efeito, pois o mercado hoje em dia está muito mais escasso. Mas se de repente surgir um contato com uma oportunidade boa de emprego eu estou aberto a essa possibilidade, mas o plano inicial é continuar neste segmento, pois eu vejo que tem futuro.

Na sua resposta, Carlos fala que a volta para um emprego estaria condicionada a uma boa proposta. Ao descrever essa boa proposta, o que ele avalia como bom é ter uma condição semelhante à que já tinha.

Seria um emprego igual e na mesma área que eu tinha, ou seja, tomar conta de uma gráfica pequena. Outra possibilidade seria fazer o gerenciamento de uma loja gráfica. Esse tipo de coisa, ou seja, algo que me dê uma remuneração suficiente.

Essas respostas de Carlos geraram dúvida quanto ao que ele acredita ser o melhor caminho para ele. A questão da estabilidade então aparece como um importante elemento a ser considerado no aceite de uma eventual proposta. O que é a principal atividade, nesse momento, passa a ser uma atividade que garantiria renda extra.

O negócio esta caminhando bem, mas ainda esta caminhando. O negócio ainda não está concretizado da forma ideal. Se eu tiver possibilidades dentro de uma empresa que vai me gerar recursos e estabilidade eu vou tentar pegar. O que eu vou fazer paralelo com isso como eu tenho os equipamentos vou continuar fazendo, pois eu já tenho alguns clientes. Vou trabalhar a noite ou no final de semana para ter uma renda extra, mas isso só se eu receber uma proposta significativa e estável de alguma empresa.

Nessa mesma linha, Carlos apresenta seus argumentos para justificar uma volta para uma empresa em termos financeiros.

Financeiro para eu poder me manter, estabilidade porque eu não posso entrar em um negócio hoje e parar o que eu já estou fazendo, pois já está caminhando devagar, mas está caminhando. Eu arrumo o emprego e daí o cara chega daqui um ano e fala que não deu certo, pois vai ser fechado. Daí novamente eu volto à estaca zero e assim eu acabei andando para trás. Isso acaba me complicando.

b) Família e suporte social

Ao falar da família, Carlos procura mostrar como essa situação não exerceu mudanças na rotina deles. Inclusive ressalta o apoio de sua esposa para essa iniciativa.

Foi tranquilo eu tive o apoio total da minha esposa. Não teve nenhum empecilho para ela dividir o espaço da casa para na montagem da empresa.

Inclusive Carlos ressalta a forma aberta com que conversam e como isso ajuda a discutir a forma de lidar com as despesas e outras questões do dia a dia.

A gente coloca em cima da mesa e decide no papel se vamos pagar isso ou aquilo. Nós nunca tivemos essa conta é minha ou essa é sua, pois desde que nós nos casamos tudo é nosso. Quando eu faço um trabalho eu falo que nós fizemos e por isso normalmente a conta é sempre nossa. Quanto a isso a gente não tem problema. Sempre tivemos uma relação bem aberta.

A importância de se ter uma relação que ele considera aberta se dá na medida em que ele vê outros casais se comportarem de forma mais individualista.

Elas agem de maneira individual, ou seja, eu sou casado com você, mas essa televisão fui eu que comprei, esse carro é meu, esse é o meu salário eu vou

pagar isso você vai pagar aquilo. Não tem aquilo do nós. Eles são um casal mas é muito individual. Eu acho que isso atrapalha e com minha esposa desde que quando nós nos conhecemos nunca teve isso. Sempre foi um conjunto, sempre nós: nós fizemos nós vamos pagar, nós vamos conseguir. Então acho que isso ajuda. Nunca, nossa, 'seu salário vai dar para pagar isso', não, 'nós vamos fazer isso'. Então com isso a gente consegue crescer, sem esse individualismo, esse é meu, esse é seu. Nós conseguimos, nós vamos fazer.

E apresenta exemplo de um conhecido em que essa situação levou a maiores problemas no relacionamento e dificuldades para lidar com os problemas presentes.

Já, tem um amigo nosso que trabalhava com caminhão, ele se machucou e teve que ficar parado. A vida deles caiu no buraco porque era ele quem fazia as coisas e o que a mulher dele fazia, ele não admitia. Ele falava isso é você que está fazendo e não sou eu, pois ele por ser o homem tinha que fazer tudo. Isso atrapalha, ele poderia chegar para a mulher e falar eu não estou em uma boa situação e vamos trabalhar juntos.

Ao questionar com Carlos o porque ele pensa de uma forma diferente desses outros casais, sua resposta veio no sentido de apontar que isso é natural deles.

Eu acho que isso já vem da gente, pois desde quando eu a conheci, a gente bateu muito certinho com gosto e com forma de pensar. Em tudo e isso foi muito natural. Nós nos conhecemos em seis meses e casamos e em momento algum a gente falou vamos planejar de outra forma.

Perguntado se a religião exerceria alguma influência nesse sentido, Carlos aponta que sim, e traz a situação dos encontros de casais, em que eles procuram se colocar como exemplo para outros casais sobre como adotar uma referência correta.

Sim pelos fatos de conhecermos pessoas dentro da própria igreja e alguns pensam dessa forma. Os que não pensam quando aconteceu o encontro de casais, nós passamos isso para eles. Assim eles aprendem

o jeito de caminhar corretamente e com isso fazemos muitos amigos de verdade.

Carlos também apresenta o espaço da igreja como um espaço de suporte social, que dá conta tanto de um conforto semelhante ao familiar quanto a um aumento nas possibilidades de trabalho.

Ela é importante pelo lado de aconchego familiar porque você tem o apoio dos amigos e não caminha sozinho. Isso também ajuda na divulgação do meu novo trabalho. Normalmente, as pessoas falam, olha fulano tem uma empresa e trabalha com aquilo que você me falou que eu estava procurando. Daí eu chego para ele e falo você faz esse tipo de serviço, pois eu estou precisando e assim vai se expandindo o lado pessoal e o profissional.

2.2 Patrícia

a) Percurso Profissional

Patrícia tem quarenta e quatro anos, é casada com Carlos há sete anos, sendo esse seu primeiro casamento. Trabalha como bancária há vinte anos em um grande banco brasileiro, sendo que há dois anos trabalha como Agente Comercial. Está cursando o quarto semestre de Gestão Bancária, sendo que fez curso técnico de Digitação e Prática Documental e Comunicação Humana. Vinda de uma família simples, seu pai vendia calçados e sua mãe trabalhava numa indústria, aposentando-se por invalidez devido a um problema genético de visão.

Patrícia começou a trabalhar com 14 anos, momento o qual ela afirma ainda não estar preparada para trabalhar fora.

Eu comecei com os quatorze anos em uma fábrica de alimentos medicinais e fiquei pouco tempo, mas foi uma boa experiência, pois eu não estava preparada mesmo. Tanto que acabei saindo no meio do dia. E inclusive meu

pai trabalhava em uma loja lá próxima e fui lá falar com ele, chorando, e ele me acalmou calma e acabei indo para casa. No dia seguinte, eu fui trabalhar e meu cartão do ponto não estava mais lá, pois eu tinha abandonado o serviço e estava no período de experiência. E aí depois disso eu trabalhava mais assim, ficava em casa fazendo alguma coisa em casa mesmo, essas coisas mais informal mesmo. Depois trabalhei em uma loja de presentes.

Depois passou, em outros lugares, dentre os quais a Prefeitura de São Paulo, época na qual chegou a ter dois empregos.

Depois trabalhei numa empresa que oferece crédito para pessoa física, no departamento financeiro e mesmo na época já estava prestando concursos. Fui aprovada em um concurso na Prefeitura de São Paulo. Eu era auxiliar do Desenvolvimento Científico, trabalhava em creche. Prestei outros concursos e passei mas assim o salário na época estava menor do que aquele que eu ganhava. Trabalhei na mesma época na prefeitura e na Ford. Eu trabalhava meio período na prefeitura e acabei indo trabalhar numa montadora de automóveis, na linha de montagem.

Patrícia trabalhava pela prefeitura na zona leste de São Paulo e, de lá ia trabalhar numa fábrica da montadora em Guarulhos. Manteve-se na montadora até conseguir um trabalho no banco, que pareceu se mostrar uma alternativa mais rentável, levando-a a desistir do cargo na Prefeitura para se dedicar apenas ao banco, após sete anos trabalhando nos dois.

Trabalhei lá, aí sai da montadora. Continuava na prefeitura. Aí entrei num banco, mesmo trabalhando na Prefeitura pois estava num departamento das 15h00 às 21h00 então dava para diversificar bem. Com o tempo sai da prefeitura, porque o salário estava muito baixo. Eu ganhava menos do que eu ganhava de ticket refeição no banco. Então eu saí, foi na época do Maluf fiquei só no banco e trabalho aqui até hoje.

A decisão de Patrícia por se manter trabalhando apenas em um lugar foi influenciada também por uma questão de saúde. Manter-se nessa rotina por tanto tempo começou a levá-la a um estado de depressão, que já a estava prejudicando.

Como eu trabalhava em dois empregos estava muito cansativo e eu não conseguia dormir direito e ficava preocupada com o horário que eu tinha que acordar. Eu resolvi procurar um médico e ele me falou que eu estava começando a entrar em depressão por conta disso que eu não conseguia dormir, pois eu ficava olhando no relógio a noite toda e pensando se já era a hora de ir para o trabalho. Como ainda não era, eu virava para um lado e depois virava para outro e assim não dormia e isso estava atrapalhando meu desempenho no trabalho, pois eu estava me desgastando muito. Resolvi então parar um pouco para descansar.

Ao falar do seu trabalho no banco, Patrícia ressalta que sente-se segura de que não será mandada embora, pois já está há muitos anos. Além disso, Patrícia diz acreditar que se você faz seu trabalho com correção, não há motivo para perder seu trabalho.

Eu não acredito que vão me mandar embora do banco, pois já estou há vinte anos. Então eu acho que mais dez anos eu consigo fica no banco para me aposentar, mas acho que nós que fazemos a nossa estabilidade na empresa privada. Se você desempenha bem o seu trabalho, cumpre com aquilo que foi prometido e supere as expectativas a empresa não vai querer demitir um funcionário assim. Agora se você for um funcionário que só faz aquilo que é esperado e não supera nada com certeza a empresa vai chegar à conclusão que você é um funcionário medíocre.

Patrícia traz um relato de sua visão sobre o mundo do trabalho, no qual o funcionário fazer aquilo que lhe é atribuição rende-lhe status de mediocridade. Patrícia diz acreditar nessa forma de encarar a situação, apesar de entender que isso também se mostra maquiavélico.

Olha, antes eu não concordava com muita coisa, mas depois que eu vi que no dia-dia as pessoas tem que agir de maneira diferente. As pessoas que agem muito pelo coração não conseguem promoção e pode até sair da empresa. Esta é realidade do trabalho, é muito maquiavélico.

Contudo, Patrícia entende que essa forma de ver as coisas não exercer influência sobre seu relacionamento com o marido. Cita de uma discussão sobre isso, mas não faz conexão entre essas informações.

Não, acho que não influência. Eu e meu marido só discutimos uma vez, mas depois resolvemos. Assim, vamos nos lapidando em relação a isso, pois discutir não adianta.

b) Mudança profissional do marido e papel da família

Ao falar sobre a mudança ocorrida na vida profissional de Carlos, Patrícia mostra sua preocupação, relacionada principalmente ao fato dos homens serem educados para ocupar o papel de provedor na família.

Eu fiquei muito preocupada com o emocional dele. Até porque o homem foi educado para ele sustentar a casa e a minha preocupação maior foi dar o meu apoio realmente para ele. Tudo isso porque nós já passamos por várias dificuldades e sempre que eu tive meus problemas emocionais ele ficou sempre ao meu lado.

As dificuldades emocionais relatadas por Patrícia relacionam-se ao fato de não terem tido filhos e sobre o significado que “não conseguir ter filhos” tinha para ela. Houve tentativas por parte deles de terem filhos mas a gravidez nunca avançou. Ela se mostrou envergonhada ao falar do fato de ter acontecido abortos naturais em todas as tentativas. Como o assunto se mostrou um assunto delicado e que não caberia no contexto da entrevista explorá-lo, pois não se teria espaço adequado de continência às dificuldades que ali seriam expostas, decidiu-se por não se explorar o assunto. Contudo, Patrícia traz, nesse momento, a importância que ela atribui ao suporte dado um ao outro, principalmente para lidar com o impacto no emocional de Carlos.

Não, nós dois até porque nós perdemos quatro filhos. Ele me deu um apoio incondicional. Às vezes quando eu chegava chateada por alguma coisa que

aconteceu no trabalho mesmo assim ele estava lá do meu lado sempre me apoio, me ouviu e me aconselhava em todos os momentos. Nós sempre procuramos agir desta forma, ou seja, um apoiando o outro. No momento que ele estava desempregado a minha maior preocupação era com a saúde dele, pois na hora que ele ficou desempregado, ele teve trombose na perna dele e isso acabaram mexendo muito mais na parte psicológica dele. Ele ficou pensando aonde iria arrumar emprego e eu tava lá do lado dele falando para ele não esquentar a cabeça, pois eu estava trabalhando. Eu deixei bem claro se tivesse que cortar gastos a gente cortaria e com isso nós nos unimos mais.

Patrícia falou do impacto emocional em Carlos, mas não tinha trazido o que essa situação havia causado de impacto nela. Ao ser questionada quanto a isso, Patrícia traz a preocupação em preservar Carlos, evitando sobrecarregá-lo com mais preocupações.

Eu fiquei bastante apreensiva, pois não queria desabafar com ele para não o deixá-lo bastante preocupado e às vezes conversava com algumas pessoas, mas como desabafo mesmo. Eu estava preocupada, mas graças a deus a gente mora em uma casa confortável, o meu salário não é ruim, temos um bom plano de saúde e não precisávamos nos preocupar com mais nada e sabia que ele não era uma pessoa acomodada e iria ficar parado. Quanto a isso minha tranquilidade era total. Várias vezes quando eu ia trabalhar ele falava que se sentia mal eu indo trabalhar e você ficando em casa e eu falava para ele não pensar dessa forma e que ele não tinha parado de trabalhar e que ele tinha sido mandado embora. Como meu marido ficava em casa mal ou bem ele fazia alguma coisa e eu sempre falava isso para ele se sentir bem e que com isso ele estaria fazendo um investimento. Nós dois temos consciência disso.

Patrícia apresenta também a dificuldade de Carlos em lidar com a situação de não ir trabalhar e, conseqüentemente, não ter condições de assumir responsabilidades na casa. Patrícia procura trazer uma forma de compreender a situação diferente daquela que estava sendo sentida por Carlos, como forma de ajudá-lo a não se deixar se sentir mal. Sua preocupação também estava relacionada à forma como seu marido se cobrava com relação ao que fazer, sem conseguir se desvincular do assunto.

Ele ficou muito pensativo e às vezes mesmo tendo esse retorno que eles esta tendo eu fico preocupada com algumas atitudes dele. Uma vez fomos visitar meu irmão que mora em Santa Catarina e ele ficava falando eu tenho que fazer isso e aquilo. Eu falava para ele não se estressar e vamos relaxar já que essa viagem foi para isso.

Ao justificar o porquê de agir dessa forma, Patrícia traz uma experiência de família que a fazia ter medo de se decepcionar com um casamento.

Eu acho que o casal tem que ter atitudes iguais em relação a isso. Eu trabalhava em dois empregos e mantinha isso e eu sempre me preocupava com o sustento da casa. Eu casei tarde porque morria de medo de me decepcionar e isso não aconteceu. Acontecia, porque eu via as dificuldades que meus pais tinham com meus irmãos que eram meio folgados em todos os sentidos. Por exemplo, teve um irmão meu que casou que ele não trabalha e a mulher também não e eu cheguei a fazer várias vezes compra de mês para eles e com isso ficava imaginando e pensava para que eu vou casar então eu fui morar sozinha e nem pensava em casar. Eu vejo que hoje em dia não existe mais isso o homem tem que sustentar a casa e a família, ou seja, hoje em dia esses conceitos mudaram. Para mim casamento é a união dos dois e não tem isso é meu e isso é seu, ou seja, isso é nosso. E nós temos a nossa obrigação, o nosso direito e tudo é dos dois. Se existir vitória é dos dois e se existir fracasso é dos dois. Sem ser culpa de um ou culpa de outro. Tem que arcar com as conseqüências.

A partir dessa justificativa, Patrícia traz uma contradição que está vivenciando nesse momento com Carlos. Acredita que não existe mais essa história do homem assumir o sustento da casa, mas exatamente pelo fato dos homens serem criados dessa forma que Patrícia se preocupa.

Contudo, Patrícia ressalta as qualidades profissionais de seu marido, tanto no cuidado com aquilo que faz quanto na imaginação para encontrar alternativas, e como isso a ajuda a divulgar o trabalho de seu marido.

Está bem no início e ele é muito perfeccionista, ou seja, se ele for vender uma coisa para você e este produto estiver com defeito ele não vai vender e assim ele aprimora muito o produto. Sem fazer a divulgação necessária ele já conseguiu vários trabalhos e logo quando ele começar a fazer a divulgação vai ter um bom resultado. Com isso ele vai ter que contratar uma funcionária e isso me deixa bem otimista, pois ele trabalha bem. Lá no banco eu já vendi para outras pessoas.com Carlos.

Patrícia relata seus esforços no sentido de ajudar a divulgar o trabalho do marido, para ajudar a aumentar o número de clientes. Ela procura avaliar a situação como um investimento que estão fazendo.

Tem uma colega minha do banco que já indicou para um parente dela e esse parente indicou para outra pessoa. Nós percebemos que está indo bem e às vezes ele fala que não está recebendo o dinheiro que recebia antes, mas tudo é um investimento. Ele recebe aqui para comprar uma máquina nova ou mais material que falta.

c) Suporte Social

Ao falar de como ela fazia para lida com suas preocupações, Patrícia traz o suporte de amigos aos quais podia recorrer para dizer aquilo que não era possível, pelo seu ponto de vista, falar para Carlos.

Sim, desabafei com algumas pessoas a situação que estávamos vivendo e que ele tinha perdido o emprego porque isso nunca tinha acontecido antes e de repente acontece isso. Tudo o que aconteceu mexeu muito com o emocional dele e com isso eu fiquei preocupada e eu não queria deixá-lo mais preocupado ainda.

Esse mesmo suporte social se mostra importante no momento de ajudar a divulgar o trabalho do marido.

Tem um pessoal que está ajudando, pois está fazendo uma divulgação também e assim aparecem várias encomendas de produtos que gostam. Sabe

que ele gosta de mexer com imagem para colocar no chaveiro e em camisetas e quando os amigos olham uma imagem diferente me dão para entregar para ele, pois ele pode aproveitar de alguma forma. Com isso ele tem um incentivo muito bom também.

A igreja também se mostra um outro espaço de suporte para eles. Apesar de Patrícia destacar a questão da espiritualidade, a possibilidade de compartilhar experiências e ver como outras pessoas passaram por situações semelhantes. Além disso, a preocupação dos amigos e o cuidado oferecido por eles aparece como importante suporte para lidar com essa situação.

É importante porque nós temos uma espiritualidade muito forte. Assim começamos a ver algumas coisas de forma mais realistas e positivas. Como quando logo que ele ficou desempregado, tivemos um testemunho de um casal que passou pela mesma situação e parecia que eles estavam falando da gente. Eles nos deram um incentivo forte, pois até então ele estava meio perdido e muitos amigos nossos de lá se preocupam com a gente. Esse amor e carinho que recebemos lá fazem com que a gente fique mais fortalecida.

2.3 Analise

Um primeiro aspecto a ser trabalhado aqui é a diferença na forma como ambos relatam a situação. Patrícia apresenta de forma mais aberta as dificuldades vividas com essa situação, expondo as preocupações dela e de Carlos com relação à essa situação. Já Carlos, traz um relato mais reservado, sem se expor com relação ao que sente e procurando passar a idéia de que essa transição ocorreu de forma tranqüila.

Ao se contrapor os dois relatos, vemos na forma como Carlos expõe sua situação, uma forma mais defensiva de se colocar, dando pouco destaque aos seus próprios sentimentos. Fala-se de uma decisão tomada de forma “natural”, frente à falta de alternativas no mercado. Fala-se da necessidade de se criar novos produtos para ganhar clientes. Fala-se de um mercado competitivo. Mas não se fala de medo, receio, incerteza, frustração por perder emprego e por estar em casa, apesar de trabalhando.

Patrícia apresenta em seu relato a idéia de que a situação foi muito mais complicada em termos emocionais do que o que estava descrito. E ela parte daquilo que define como “a forma como os homens são criados”, ou seja, serem os provedores da família, para compreender as dificuldades do marido dentro da situação pela qual estão passando. Apesar de ela acreditar que as coisas não funcionam assim e procurar partir dessa forma de compreender a situação para dar o suporte necessário ao marido, ela entende que isso gera um impacto emocional em Carlos que precisa ser cuidado.

E ao se falar de cuidado, ambos trazem uma opinião comum sobre como esse cuidado se expressa no dia a dia deles: o fato de acreditar no fato de que não podem enfrentar os problemas que enfrentam de forma individual, atribuindo culpa um ao outro sobre aquilo que está acontecendo. O fato de tratarem de forma conjunta um problema que recai de forma mais forte sobre uma das pessoas parece ser, sob o ponto de vista de ambos, aspecto importante para que possam dar suporte um ao outro.

Mas há outro elemento nessa situação que parece fazer diferença na forma como ambos lidam com essa situação. Patrícia traz em seu relato uma ação contínua no sentido de validar e valorizar o trabalho do marido, referendando a ação dele como um trabalho e um trabalho que tem valor. Ao trazer para o marido solicitações de amigos do banco para realizar trabalhos, ao oferecer suporte ao marido na forma de direcionar o dinheiro para dar continuidade ao negócio, Patrícia demonstra ajudar Carlos dar significado e se apoderar de seu trabalho.

Da mesma forma que isso ocorre na relação entre eles, ambos também trazem o suporte social como outro importante ponto de apoio. Na entrevista, Patrícia traz o suporte das pessoas de seu trabalho, que ajudam a divulgar o produto ou até mesmo contratam os serviços de Carlos. Ambos apontam outro grupo como de grande importância para lidar com essa situação: os amigos que têm no espaço da igreja. O relacionamento dentro do espaço da igreja se mostra especialmente importante para ambos, pois encontram nesse espaço o carinho de uma família, como relata Carlos, ou o amor e carinho que os ajudam a saírem mais fortalecidos.

Em ambos os casos, vemos que o acolhimento desse grupo social com relação ao projeto que está sendo conduzido se mostra fundamental para que a decisão de trabalhar de forma autônoma tenha sentido, que seja visto como uma atividade de igual importância à que se estivesse no ambiente da empresa. Patrícia chega a trazer falas de Carlos nas quais ele se sente mal por ficar em casa enquanto ela sai de casa para trabalhar e da forma como ela

procura atribuir um novo significado a essa situação, para fazê-lo entender que ele está trabalhando.

Contudo, Carlos ainda traz a perspectiva de que uma oferta de trabalho que igualasse sua situação anterior seria uma melhor alternativa, deixando seu projeto de trabalhar de forma autônoma como uma alternativa, um complemento na renda. Para Carlos, há uma hierarquia de valores com relação a que tipo de relação com o trabalho lhe parece mais confortável.

Agora, nenhum dos dois traz aponta o grupo de pessoas da área de Carlos como um possível espaço de suporte e de auxílio. Não há aqui relato de algum papel importante de pessoas que trabalhavam com Carlos e que pudessem ajudar constituir uma rede para ampliar a divulgação de seus produtos. A partir do momento que se encerrou o vínculo com a empresa, que fechou, as pessoas desse meio não se fazem mais presentes, não fazem parte dessa rede de sustentação.

Outro ponto semelhante percebido em ambos os relatos refere-se a uma visão muito dura sobre o mundo do trabalho e o mercado. E nos dois casos, podemos ver uma visão sobre sucesso e fracasso que recai apenas sobre o indivíduo. Vale destacar como na fala de Carlos, o “mercado” aparece como que se fosse uma entidade própria, com regras específicas às quais nos resta acatar.

Carlos traz como a idade, o fato de estar há mais de 6 meses fora de uma empresa e isso gerar, segundo seu ponto de vista, uma desatualização sobre as novidades de sua área, a precarização do salário relacionada à oferta que é feita aos mais jovens. Há também a concorrência que exige de você fazer coisas diferenciadas para sobreviver. Patrícia traz o fato de um profissional que faça seu trabalho está “garantido” no seu emprego, mas que fazer o que é esperado não basta, tem que ir além e se superar. Além disso, Patrícia apresenta uma visão muito particular sobre essa situação. Fala de um maquiavelismo no trabalho, reforçando a necessidade de ir além daquilo que lhe é pedido para se garantir no emprego.

Em todos os relatos, há um destaque sobre a responsabilidade do indivíduo em conseguir seu sucesso. Contudo, essa responsabilização parece levar em consideração que o indivíduo tem tal nível de controle sobre sua vida que, o fato de não dar certo, de não se manter no emprego, o leva a ser o culpado pela sua condição.

Agora, isso gera um problema para esse casal enfrentar. A demissão de Carlos ocorreu à sua revelia, visto que a empresa fechou. Como encaixar, então, essa forma de compreender o trabalho e o sucesso nessa situação? Uma questão que fica aqui é como essa forma de compreender a responsabilidade do profissional com relação à manutenção do emprego recai

sobre o desempregado e sobre aqueles que o cercam. Como isso é vivenciado pelas pessoas em situações semelhantes?

Um último aspecto a ser tratado aqui é o papel da religião. Apesar de ambos terem trazido muito mais a importância das pessoas com quem se relacionam como forma de suporte emocional para lidar com as dificuldades que estão vivenciando, não se pode descartar a influência do modelo familiar pregado pela Igreja Católica como uma referência por eles adotada na forma de organizar a relação entre eles.

Patrícia usa a palavra espiritualidade para indicar essa referência que os ajuda a analisar as coisas de uma forma mais realista e positiva. O que vale destacar aqui é o papel que a religião exerce, no caso a Católica, na forma deles estruturarem uma pauta de relação entre eles, procurando validar o papel de cada um nesse momento.

3. Discussão sobre as entrevistas

Ao se observar as duas entrevistas, é possível observar semelhanças e diferenças na forma como os casais relatam suas experiências, assim como semelhanças e diferenças entre os homens e as mulheres sobre as situações questionadas. Nesse sentido, vamos retomar alguns desses pontos de forma a consolidar a análise dessas entrevistas.

Um primeiro aspecto comum relatado nas entrevistas dos dois casais foi a forma harmônica como ambos os casais relataram suas experiências e a forma como compreendem a família, o casamento, o trabalho e a situação um do outro. Não houve no relato deles nenhuma referência a conflitos presentes que impactassem diretamente na qualidade da relação entre eles.

Isso nos faz pensar nos casos em que o convite para participar das pesquisas fora recusado, tendo como base a situação que foi relatada. A exposição desses casais à entrevista pareceu se mostrar possível porque, de alguma forma, não há a manifestação de um conflito que impacte na relação construída e não permita a manutenção de um ambiente harmônico. Contudo, ao se observar os relatos dos casais vemos que, na verdade, não podemos falar em ausência de conflitos, mas sim de formas de organizar a experiência em que esses conflitos estão sendo acomodados.

A acomodação não significa também a melhor administração desses conflitos. O relato de Pedro e Paula, por exemplo, demonstra isso com relação à escolha pessoal de Paula em apoiar a carreira do marido e o preço pago para vir à São Paulo, período em que ficou com as malas sempre prontas para voltar. Pedro destaca a força de Paula, Paula destaca a frustração de ter perdido seu lugar e o sofrimento vivido. Há um conflito aí ao mesmo tempo em que se organiza a situação para que ele não impacte na relação do casal. Houve um preço a ser pago para se manter o projeto familiar e profissional do casal.

Já no caso Carlos e Patrícia, vemos uma atitude de Patrícia em não assumir de efetivamente o espaço de provedora, apesar de ela o fazer de fato. Apesar de Patrícia trazer sua opinião de que não acredita mais na responsabilidade do homem como único provedor, ela age com cuidado ao posicionar de que ele está vivendo essa situação de forma passageira, sem excluir Carlos e sem se posicionar como real provedora.

Contudo, há a necessidade de uma construção frente a uma incompreensão. A construção de um outro papel, diferente daquele já conhecido, para acomodar a mudança

vivida. E é nessa construção do novo papel que os conflitos podem vividos e elaborados de forma a criar uma nova dinâmica de relacionamento na família.

Nos casos em que não se aceitou o convite para a entrevista, é possível que ainda se esteja vivendo plenamente os conflitos traz, contudo sem nenhuma forma de acomodação ou elaboração dos mesmos, que torne possível falar do que se viveu. A situação atual ainda não é passível de compreensão e de aceitação.

Essa situação só pode ser percebida após várias tentativas de convites, reduzindo o tempo útil para a execução da pesquisa. Uma possível possibilidade de pesquisa futura pode apoiar-se numa entrevista sem restringir à necessidade de se falar com o casal, mas com aquele cônjuge que tenha disponibilidade emocional para falar sobre o assunto e, assim, termos um número maior de percepções para serem avaliadas.

Um elemento importante que parece ajudar a suporte a estes casais e sua inserção dentro uma comunidade religiosa. Nesta encontram um espaço de acolhimento, de afeto e se suporte. Um espaço no qual se estabelece uma referência fixa, tanto de relacionamento quanto de regras e padrões a serem seguidos. Isto pode ajudar a elaborar os inumeros rompimento, seu vinculo com a igreja pode entrar como um elemento organizador, uma referência.

Nos relatos dos casais, mencionam o grupo de amigos da igreja como espaço de acolhimento, de afeto assim como se fosse uma família. Assim, encontrou-se nesse espaço a possibilidade de um suporte frente às inconstâncias do mundo do trabalho que inclusive exerce efeito na validação desse novo papel que está sendo construído pelas pessoas da família. Segundo seus relatos, é aqui que encontraram a possibilidade de expressar seus medos, angústias e de ter apoio para a nova empreitada a ser conduzida.

É no espaço do social onde eles conseguem suporte para construir uma espaço social, onde podem validar novos projetos profissionais e familiares. O apoio expresso por Carlos por parte dos amigos, que o incentivam a continuar seu negócio próprio e a forma como Pedro relata o fato de serem terem conseguido se manter unido como casal graças a referência dada a eles pelo grupo da igreja .

Apesar de não ter sido expressamente relatado pelos casais, o modelo considerado pela Igreja Católica da organização da família, dos papéis e das expectativas que cada exerce sobre o outro e que possa ter tido um efeito benéfico de ordenar a situação e, possivelmente, aplacar possíveis conflitos existentes. Contudo, estas conjecturas tem que ser investigadas mais profundamente pois não tivemos explicitamente no relato dos entrevistados tal afirmação.

Outro aspecto comum nas duas falas apresentadas, apesar de serem expressas de forma diferentes, é a questão do fracasso no discurso dos homens. O elemento comum nas duas é a forma como a questão do fracasso ou do sucesso é vista de forma individualizada, como responsabilidade única do indivíduo. Há no discurso decada um indicio em que se atribuiu diretamente a si mesmo a condição de sucesso ou de fracasso.

Pedro traz um discurso em que se exalta a questão do sucesso e em que as dificuldades não são expressas, a não ser como forma de mostrar a capacidade de superação às adversidades. Ao falar das dificuldades da mulher e das suas próprias com relação à mudança para São Paulo, o que se exalta é o sucesso obtido. Não se deixa muito espaço para falar do sofrimento, das dificuldades. Exalta-se o desempenho, as conquistas realizadas.

Carlos já apresenta um discurso diferente, no qual se permite que as frustrações sejam expressas. Apesar de um discurso centrado na responsabilidade individual sobre seu possível sucesso ou fracasso, Carlos se permite falar de um mercado competitivo, de uma discriminação que ele sente por conta da idade e pelo fato de ter se tornado um profissional visto como caro, ou seja, de características das relações de trabalho que dificultam a possibilidade de conseguir outro emprego formal na sua área de trabalho. Mas, da mesma forma como os funcionários da IBM relatados por Sennett, seu discurso vem no sentido de apontar sua responsabilidade individual pela situação na qual se encontra.

Outro aspecto a ser destacado é o papel da mulher nessas famílias. No caso de Pedro e Paula, há uma clara organização da família dentro dos modelos da família tradicional de classe média e, conforme já apontado por Romanelli (1986), a decisão de Paula em sair do trabalho para cuidar da família na vinda para São Paulo é tomada como algo necessário à manutenção da família. Mesmo quando se cria uma possibilidade de trabalho para Paula, na consultoria de seu marido, ela se dá de forma a não atrapalhar o exercício de seu papel nos cuidados da casa.

Patrícia se posiciona de forma diferente na sua família. Ela manteve sua trajetória profissional e, mesmo ainda quando morava com seus pais, tinha participação no sustento da casa. Ela hoje tem função importante na provisão das necessidades de sua família, e mostra ter uma visão diferenciada daquela que Sarti (2009) descreve sobre a compreensão das mulheres sobre o papel do homem em famílias pobres. Ela faz uma crítica direta à idéia de que o homem deve ocupar esse papel de provedor e não faz crítica ao fato do marido não estar formalmente empregado, mostrando disposição para dar suporte à iniciativa que está sendo conduzida por ele.

Um aspecto comum aos dois relatos refere-se ao papel da mulher na construção dessa nova organização profissional dos homens. Em ambos os casos, é relatado pelos homens a importância desse suporte e da participação delas na decisão de iniciar um negócio próprio, com participação ativa delas seja exercendo atividades administrativas (Paula) ou ajudando a divulgar e fazer com que o trabalho do marido seja conhecido (Patrícia). Elas agem ativamente no suporte a essa reconstrução da identidade profissional dos seus cônjuges.

V. Considerações finais

1. Outras possibilidades de estudo

Esse foi um estudo que focou sua atenção para as mudanças vividas pelo homem em sua trajetória profissional e seus impactos na família. Dessa forma, pensar nos impactos na família a partir da trajetória profissional da mulher, da estruturação de sua trajetória profissional e a forma como a família passa a se organizar se mostra uma possibilidade de pesquisa que vai além do que esse estudo trouxe.

Apesar de termos chegado a abordar a trajetória profissional das mulheres e as escolhas por elas feitas, sempre o fizemos pela perspectiva do impacto das mudanças vividas pelo homem em seu espaço de trabalho. Não se trabalhou, por exemplo, situações em que os homens tomam a decisão de abrir mão do trabalho em que estão para acompanhar a esposa em uma mudança, situação essa aliás apontada por Sennett (2008) ao descrever a trajetória de Rico.

Outra possibilidade de estudo é trabalhar com as famílias que não conseguiram lidar com as mudanças, impactando numa dissolução do núcleo familiar. Compreender o que aconteceu nesses casos, as semelhanças e diferenças com as famílias que aqui foram entrevistadas, analisar a existência de suporte social e avaliar de que forma as estratégias adotadas por essas famílias não possibilitaram a manutenção desse núcleo familiar.

A partir dos resultados obtidos, verificamos que as mudanças ocorridas nas relações de trabalho exercem impacto nas relações familiares, sendo que o suporte do grupo social se mostra essencial para que haja uma manutenção da qualidade dos vínculos, por ser um espaço de suporte e acolhimento das dificuldades enfrentadas e de suporte para a reconstrução de uma nova identidade profissional e familiar.

No caso dessas famílias, o espaço da igreja se mostrou uma importante uma referência para essas famílias, como um espaço seguro e estável, no qual puderam contar com suporte do grupo para validar seus projetos. Além disso, a religião se mostra como uma referência mais estável, no qual se pode manter uma referência de identidade mais constante e menos exposta às transformações sociais. Não acreditamos que a igreja seja o único espaço em que esse suporte possa acontecer e em tampouco se fará um juízo qualitativo a esse respeito.

Verificou-se também a forma como o discurso da performance recai sobre as pessoas, levando-as a se perceberem como únicas responsáveis pelo sucesso ou fracasso e como isso impacta na forma como as identidades são construídas. Mais especificamente no discurso dos

homens, a possibilidade de expressar os sentimentos de impotência frente às dificuldades vividas. Não conseguimos ligar esse aspecto a um empobrecimento das relações entre os cônjuges, contudo, essa é uma hipótese ainda a ser considerada em outros estudos.

Desse modo, podemos pensar no papel que os serviços que dão suporte às essas pessoas, seja em orientação profissional seja em suporte psicológico às famílias, devem ocupar perante às pessoas que os procuram. É necessário que esses espaços sirvam de apoio para que se construam novas trajetórias, novas narrativas que implicam em uma mudança na forma como o homem e a mulher entendem sua identidade, em termos profissionais e familiares, ajudando-os a atribuir sentido àquilo que estão construindo. Assim, esses serviços devem ter condições de acolher numa discussão sobre profissão o projeto familiar e numa discussão sobre família o projeto profissional dos cônjuges.

Referências Bibliográficas

ALVES, G.; ANTUNES, R. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335 – 351, 2004.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

ANTUNES, R. As novas formas de acumulação de capital e as formas contemporâneas do estranhamento (alienação). **Caderno CRH**, Salvador, n. 37, p. 23-45, 2002.

ÁRIES, P. A família e a cidade. In: FIGUEIRA, S. A.; VELHO, G. **Família, psicologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1981, p. 13-23.

_____. **História Social da família e da criança**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

BAUER, M.W.; GASKELL, G.; ALLUM, N.C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: GASKELL, G.; BAUER, M.W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

BAUMAN, S. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BAUMAN, S. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BERENSTEIN, I Problemas familiares contemporâneos o situaciones familiares actuales. Invariância e novedad. **Psicologia USP**, São Paulo, v 13, no. 2., 2002.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BORGES, L.O.; YAMAMOTO, O.H. O mundo do trabalho. In: **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**. In: ZANELLI, J.C.; BORGES-ANDRADE, J.E.; BASTOS, A.V.B. (org.). **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BLANCH, J. M. (Org.), **Teoría de las relaciones laborales. Desafíos**. Barcelona, ES: UOC, 2003.

CHANLAT, J.F. **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. Quais carreiras e para qual sociedade?(I). **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo v.35, n. 6, p. 67-75, 1995.

_____. Quais carreiras e para qual sociedade?(II). **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.36, n. 1, p. 13-20, 1996.

COSTA, J.F. **Violência e Psicanálise**, Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. In: **Revista Produção**, Niterói, v. 14, n. 3, p. 27–34, 2004.

DUBAR, C. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. São Paulo: Edusp, 2009.

DUPAS, G. A lógica econômica global e a revisão do Welfare State: a urgência de um novo pacto. In: **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 12, n. 33, 1998.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2002

FREITAS, M.E.; HELOANI, R.; BARRETO, M. **Assédio Moral no Trabalho**. São Paulo: Cengage Language, 2008.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, G.; BAUER, M.W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2007.

GUBA, E. G. **The Paradigm Dialog**. Califórnia: Sage Publications, 1990.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa *versus* pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 22. n. 2, p.. 201-210, 2006.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. 18ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

HOBBSAWN, E.J. **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LEHMAN, Y. P. **Aquisição de identidade vocacional em uma sociedade em crise: dois momentos na profissão liberal**. 1998, 328 f., Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

_____. O Processo de Orientação Profissional como um Holding na Adolescência. **Labor**, São Paulo, v. 0, p.66-75.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MANDELBAUM, B. **O desemprego em situação: esboços de estruturação de uma clínica social**. 2004. 267 f. São Paulo. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MELLO, S. L. Família: perspectiva teórica e observação factual. In: CARVALHO, M.C.B. **A família contemporânea em debate**. 6ª Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

MILLS, C. W **A nova classe média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

MONTALI, L. Família e trabalho na reestruturação produtiva: ausência de políticas de emprego e deterioração das condições de vida. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 15, nº 42, pág. 55-71, 2000.

MOURA, A. P. P. Brasil Industrial: do capitalismo retardatário à inserção subordinada no mundo neocolonial. **Bahia, Análise e Dados**, Salvador, v. 11, n. 3, p. 82-89, 2001.

POCHMANN, M. Proteção Social na periferia do capitalismo: considerações sobre o Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 3-16, 2004.

ROMANELLI, G. **Famílias de camadas médias: a trajetória da modernidade**. 1986. 343 f. São Paulo. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1986.

_____. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M.C.B. **A família contemporânea em debate**. 6ª Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SAMARA, E.M. Novas imagens da família "à brasileira". **Psicologia:USP**, São Paulo, 3(1/2) p.13-36, 1992.

SARTI, C. A Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, M.C.B. **A família contemporânea em debate**. 6ª Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

_____. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SIQUEIRA, M.M.M.; GOMIDE Jr., S. Vínculos do Indivíduo com o Trabalho e com a Organização In: ZANELLI, J.C.; BORGES-ANDRADE, J.E.; BASTOS, A.V.B. (org.). **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SPINK, P.K. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 18-42, 2003.

SZYMANSKI, H. Teorias e “teorias” de famílias. In: CARVALHO, M.C.B. **A família contemporânea em debate**. 6ª Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

TOURAINÉ, A. **Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

UVALDO, M. C. C. **Impacto das mudanças no mundo do trabalho sobre a subjetividade: em busca de um modelo de orientação profissional para adultos**. 2002. 170 f. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2002.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

_____. **Privação e Delinquência**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZANELLI, J.C.; BASTOS, A.V.B. Inserção Profissional do Psicólogo em Organizações e no Trabalho. In: ZANELLI, J.C.; BORGES-ANDRADE, J.E.; BASTOS, A.V.B. (org.). **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

APENDICE A**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: **AS TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES DE TRABALHO E A RELAÇÃO COM AS TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES FAMILIARES.**

Pesquisador Responsável: Renato Soares da Silva

Telefone para contato: (11) 96838156

Será realizada entrevista como parte da pesquisa de mestrado intitulada “**AS TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES DE TRABALHO E A RELAÇÃO COM AS TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES FAMILIARES**” sob orientação da Profa. Yvette Piha Lehman e tem como objetivo fornecer elementos que permitam a discussão do impacto das relações de trabalho nas relações familiares. Seu fim é estritamente acadêmico e para fins didáticos, não havendo nenhuma outra finalidade oculta.

A entrevista deve durar de 90 a 120 minutos, dependendo da sua disponibilidade, que é o que será requisitado pelo pesquisador.

Vale salientar que a participação é voluntária e a entrevista pode ser interrompida a qualquer momento. Além disso, o sigilo está garantido e sua identidade não será revelada sob nenhuma hipótese.

O material coletado na pesquisa poderá ser utilizado em uma futura publicação em livro e/ou periódico científico, mas, novamente, reforçar-se o sigilo, pois em nenhum momento sua identidade será revelada.

A pesquisa não trará nenhum risco a você e nem oferecerá alguma vantagem financeira.

Pesquisador Executor

Aluno da Pós- Graduação (regular)
PST - Departamento de Psicologia
Social e do Trabalho

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo _____, como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador _____ sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação.

Local e data: _____

Nome e Assinatura do participante: _____

APENDICE B: Modelo de roteiro

- 1) Resgate de sua história de vida, inclusive retomando a história de seus pais, para compreender em terreno alguns de seus conceitos se pautaram;
- 2) Trajetória profissional, visando identificar principalmente as escolhas feitas e os motivadores por trás destas;
- 3) Avaliar como essas escolhas foram de encontro, ou desencontro de suas expectativas iniciais de vida profissional e discorrer sobre as conseqüências em diferentes campos da sua vida;
- 4) Expectativas de vida familiar, visando compreender seu ideal de família e seus esforços para atender a esse ideal, procurando compreender de que forma está ligado com o contexto social no qual se insere;
- 5) Compreender se esses ideais têm encontrado espaço de realização: se sim, como ele tem se sustentado e, se não, o que está se apresentando como maiores dificuldades a esse processo;
- 6) Quais diferenças existentes entre a vida familiar experienciada quando criança e valores ensinados e o contraste com o atual momento;

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)